PRESENÇAS

COLÓQUIO | Letras

COLÓQUIO

Letras

número 140 | 141 *Abril-Setembro 1996*

Novos colaboradores

ANTÓNIO M. FEIJÓ. Fez o mestrado na State University of New York, em Albany. Doutorou-se em Literatura Inglesa em Brown University (1985) com uma tese sobre Wyndham Lewis. É professor associado no Dep. de Estudos Anglísticos da Fac. de Letras de Lisboa.

LUÍS SOBREIRA. Nasceu em 1970. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Fac. de Letras de Lisboa, prepara uma tese de mestrado sobre os *best-sellers* em Portugal durante o período romântico.

VIOLANTE FLORÊNCIO. Mestre em Literatura e Cultura Portuguesas Contemporâneas. É professora coordenadora na E. S. E. João de Deus, onde lecciona Literatura Portuguesa e Literatura Infanto-Juvenil. Editou *A Literatura para Crianças e Jovens em Irene Lisboa* (1994).

DIANA PIMENTEL [PENBERTHY BARBEITOS]. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Fac. de Letras de Lisboa, prepara tese de mestrado sobre Herberto Helder.

CARINA INFANTE DO CARMO. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Fac. de Letras de Lisboa, onde frequenta o curso de mestrado em Literatura Portuguesa. Bolseira da JNICT.

AGRIPINA COSTA MARQUES. Publicou os livros de poesia *Rotações* (1991; em colab.), *O Centro Inteiro* (1993; em colab.), *Instantes. Permanência* (1993) e *Diário Intermitente* (1996).

LUÍS FILIPE PARRADO. Licenciou-se em Estudos Portugueses na Univ. Nova de Lisboa. Prepara tese de mestrado sobre a poesia de Carlos de Oliveira. Publicou o livro de poemas *Tundra* (1988).

MANUEL ABECASIS. Médico pela Univ. de Lisboa, autor de livros na área da Pediatria Clínica. É a primeira vez que publica poesia.

ANA MARQUES GASTÃO. Licenciada em Direito pela Univ. Católica Portuguesa. Jornalista da área cultural do *Diário de Notícias*, tem no prelo *Tempo de Morrer/Tempo para Viver*, poesia.

PEDRO MEXIA. Nasceu em 1972. Licenciado em Direito, frequenta o mestrado de Literatura Americana na Fac. de Letras de Lisboa. É autor de dois livros de poesia e participou no volume colectivo *Dez* (1995).

SILVIO ELIA nasceu no Rio em 1913. Ensaísta, filólogo e linguista, professor universitário, membro de numerosas academias. Entre as suas obras, *Presença Portuguesa no Simbolismo Brasileiro* (1971).

MARIA ISABEL BARRENO. Ficcionista e ensaísta. Formada em Ciências Histórico-Filosóficas pela Univ. de Lisboa. Co-autora, com M. Teresa Horta e M. Velho da Costa, das *Novas Cartas Portuguesas* (1972). Publicou ultimamente *Os Sensos Incomuns* (contos, 1993) e *O Círculo Virtuoso* (contos, 1996).

SERAFINA MARTINS. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, concluiu o mestrado em Literatura Portuguesa Clássica, e prepara uma tese de doutoramento sobre Aquilino. É assistente na Fac. de Letras de Lisboa.

DIONÍSIO VILA MAIOR. Nasceu em 1966. Assistente na Univ. Aberta. Autor de: *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo* (1994), *Introdução ao Modernismo* (1994) e de outros estudos.

JULIETA DE GODOY LADEIRA nasceu em S. Paulo. Estreou-se na literatura, em 1962, com um livro de contos que recebeu o prémio Jabuti, e publicou também romances, ensaios, antologias.

COLÓQUIO | Letras

REVISTA TRIMESTRAL

Director
David Mourão-Ferreira

Directora-adjunta
Joana Morais Varela

Consultor editorial
Luís Amaro

Coordenador literário no Brasil
Massaud Moisés

Secretaria Maria Filipe Ramos Rosa
Maria Roque de Pinho Carvalhosa

Edição e propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian

Número avulso simples: Portugal: 1 500$00 / Estrangeiro: US $24 dól.
Número avulso duplo: Portugal: 3 000$00 / Estrangeiro: US $48 dól.
Ass. anual (4 núm.): Continente: 5 400$00 / Reg. Autónomas: 6 600$00 / Macau: 12 400$00 /
Espanha e Países Africanos de Exp. Portuguesa: 6 600$00 /
Brasil: US $55 dól. / Europa: US $75 dól. / Extra-Europa: US $95 dól.

Os preços para Portugal incluem o IVA
Os valores indicados em US dól. poderão ser pagos noutra moeda convertível em Portugal

Só serão devolvidos, a solicitação dos autores,
os originais dos textos não publicados

Direcção, Redacção e Administração:
Avenida de Berna, 56-3.º — 1067 LISBOA CODEX
End. teleg. FUNDABENKIAN — LISBOA
Telef. 793 51 31 — Telefax 793 51 39
Telex 63 768 GULBEN-P

Distribuição e assinaturas:
Editorial Notícias
Rua da Cruz da Carreira, 4-B — 1150 LISBOA
Telef. 352 24 90/1 – Telefax 352 20 66
Rua do Zambeze, 404 — 4200 PORTO
Telef. 81 70 66

Fotocomposição e selecção:
Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Paginação por computador:
Maria Filipe Ramos Rosa

Impressão:
Guide – Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal: 44718/91
ISSN 0010 - 1451

S U M Á R I O

P R E S E N Ç A S

HOMENAGEM A VERGÍLIO FERREIRA

CARINA INFANTE DO CARMO

José Régio e Carlos Queiroz
Cartas trocadas
CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DOS TEMPOS DA «PRESENÇA»

«IL est bien vrai que les gens gagnent a être connus. Ils y gagnent en mystère.» (Jean Paulhan). Pese embora a repetição, recupero intencionalmente uma das epígrafes com que Eugénio Lisboa abre a introdução às *Páginas do Diário Íntimo*, inédito regiano dado à estampa em 1994. Na verdade, a citação congrega em si a cara e a coroa da revelação pública de discursos pessoais em relação aos seus vindouros: um certo instinto de pilhagem social à intimidade salda-se, afinal, na sensação de perda irremediável, inerente a qualquer ensaio de reconstituição. Na distância que nos separa do testemunho pessoal, conhecemos os desabafos, os projectos e até as confissões de amor, ridículas a olhos estranhos. Entre o pessoal e a máscara, que a carta sempre compõe, ficam quase incólumes as contradições, a solidão e a opacidade desse outro que de si deixou vestígio epistolar.

Pode até ser parente afastada da privatização do social que assola o nosso tempo finissecular, mas a voga editorial de diários, confissões e espólios epistolares de escritores tem raízes mais recuadas, ao desvelar testemunhos (ilusoriamente) *in præsentia* da criação literária e da actividade intelectual. Quase a literatura em directo, no seu fazer-se. Deriva, sobretudo, da consagração romântica do autor como origem tutelar da obra: passam então a preservar-se os vestígios da figura e do percurso autorais, sensivelmente ao mesmo tempo que deixa de estar vedado às cartas o denominado território do literário. Dos discursos pessoalizados que a *sinceridade* romântica consagrou, a carta de um escritor parece trazer, na letra redonda da assinatura, fiapos de um quotidiano esquecido pela ribalta das obras, o monólogo, conversado em diferido, entre dois contemporâneos. Por essa valia testemunhal, quantas vezes uma carta não fez já incorrer na falácia da génese literária que liga, sem mais, as margens da vida à obra?

Além de Camilo ou Eça, tem sido José Régio um dos autores preferenciais para a publicação de cartas, quando ainda se comemoram os vinte e cinco anos da sua morte em 1969. A partir da extensa produção epistolar que cultivou ao longo da vida, muita dela ainda inédita, recompomos o retrato (possível) de um rosto inesquecível. Acompanho neste ponto a apresentação de

António Ventura à *Correspondência* de Régio [1]: ao contrário da *Confissão Dum Homem Religioso* e do *Diário*, não existe na escrita das cartas a antevisão da divulgação pública e, nesse sentido, emergem os laços de amizade e convívio humano, num tom de aparente naturalidade.

Não é portanto tarefa fácil ou inédita esta de dar letra de forma às cartas de Régio, como já o fizeram as revistas *A Cidade*, *Colóquio/Letras* e *Nova Renascença* [2]. O interesse aumenta, logo que não nos cinjamos a uma das partes e reconstituamos o precário encontro do diálogo epistolar. Ora, a escolha de oito cartas trocadas entre Régio e Carlos Queiroz (quatro de cada um), que agora apresento, conduz-nos ao período de edição mais regular da *Presença* e ao contacto fraterno entre o seu grande mentor ideológico e um colaborador assíduo, entre 1927 e 1937. A folha coimbrã fez-se estuário/viveiro de inúmeras vozes literárias dos anos 30, nomeadamente para Carlos Queiroz, poeta da infância e da pureza perdidas, do fazer poético, da cidade e do amor, imbuído dessa «doce ironia lírica» (David Mourão-Ferreira) que toma um sabor amargo na sibilina «Epístola aos Vindouros», revelada na colecção póstuma de poemas (Ática, 1989) a que aliás serve de título.

Estas cartas dão testemunho dessa agregação de individualidades díspares, sem pressupostos rígidos de geração ou escola, numa «antiunidade» — o termo é de Casais Monteiro — de princípios e prática artística, rebelde a qualquer padronização redutora. A comprovar a importância do jovem Carlos Queiroz (1907-49) entre os seus companheiros, não será despiciendo o facto de Casais Monteiro dedicar à sua memória, assim como à de Francisco Bugalho — ambos falecidos em 1949 —, o estudo-antologia *A Poesia da «Presença»* [3].

Convém esclarecer que as cartas aqui reveladas não respondem directamente umas às outras, por não estar acessível todo o conjunto epistolar trocado entre os dois. Todavia, elas agregam-se à volta de duas épocas, 1928-31 e 1936, pelo que se torna possível aferir o mesmo tipo de assuntos, nesta fase particularmente intensa da correspondência entre ambos: impulsivo, dedicado, sem o comedimento tímido de Régio, Carlos Queiroz chega a escrever três cartas por mês. Nelas denuncia uma enorme capacidade de admirar os outros, Régio em particular. Admite até mudar-se para Portalegre e aí concluir o liceu, perto do Dr. Reis Pereira, que se encarrega de lhe refrear a ideia. Acaba por fazê-lo em Santarém, donde escreve a Régio, nem que sejam risonhos bilhetes-postais. E se, com a sucessão das cartas e dos anos, o amadurecimento de Queiroz traz consigo o espaçar da comunicação e o tom menos passional, jamais se apaga uma afeição sempre dedicada.

A figura de Carlos Queiroz ganha relevo ao promover a relação entre as duas gerações modernistas, no eixo Coimbra-Lisboa, enquanto autêntico delegado da *Presença* na capital. *Flâneur* precoce das tertúlias literárias da Brasileira e do Café Chiado, a ele se devem certamente as colaborações, na folha coim-

brã, de Almada, Mário Saa, Raul Leal, Olavo d'Eça Leal e, claro, de Pessoa, ao lado de quem se estreia na revista («Quatro Poemas do Retardador», n.° 5, 4 de Junho 1927, p. 7).

Carlos Queiroz tem quota-parte de responsabilidade na mediação presencista da revolução literária de *Orpheu*, dado o contacto estreito que o ligava ao poeta da *Mensagem*, com quem estabelece um inequívoco diálogo poético, sobretudo com o ortónimo. A depuração emocional, desencantada e cerebral, da poesia de Queiroz faz alargar, em primeira mão, o «espaço poetodramático pessoano», como observa F. J. Vieira-Pimentel, que o vê acompanhado de Casais Monteiro no restrito grupo intelectualista do presencismo. Desde a sua aparição na *Contemporânea*, em 1926, Queiroz delineia uma voz pessoal de modernista clássico e de filiação pós-simbolista [4], em lugar de se sujeitar passivamente ao magistério pessoano. Essa autonomia não impede que Fernando Pessoa paire como sombra paterna, envolto numa aura de fascínio e que, falecido em Novembro de 1935, deixe ainda uma palavra de incentivo à estreia em livro do seu jovem amigo: *Desaparecido* [5]. As cartas de 1936, quer de Régio quer de Queiroz, fazem eco do profundo empenho deste último nas homenagens póstumas ao mestre da heteronímia, iniciativa que a *Presença* apadrinhou no seu número de Julho 1936 (n.° 48).

Por outro lado, Queiroz exprime uma entusiástica consciência de grupo (cf. carta de Dez. 1928) e sente a necessidade inquieta de *furar* os bloqueios do *statu quo* cultural e de diversificar a imprensa própria e o impacto da geração, além da *Presença*. Aos novos modernistas coube a luta difícil de vencer a sombra da influência e o espectro do epigonismo, sem com isso desarmar o zelo pelo reconhecimento público dos mestres de *Orpheu* e de Pessoa, acima de todos.

Dada a incidência sobre o lapso temporal de 1928-31, as cartas agora reproduzidas coincidem com a sedimentação da revista. Em 1930, ao cabo de 26 números, abala-a a dissidência de um director, Branquinho da Fonseca, a par de Adolfo Rocha e Edmundo de Bettencourt. À «Carta Aberta» dos dissidentes impeliam as razões de uma outra «liberdade em arte» e outro «individualismo na criação artística»: em grande medida, visavam contestar os mestres e Régio, como chefe do grupo coimbrão, e também o envelhecimento da «Eternidade» a-histórica que guiava os seus princípios. A força motriz de Adolfo Rocha seria, de resto, determinante em todo o processo. Sob o choque da dissidência, até a lealdade de Queiroz é posta em xeque pelo correspondente de Portalegre (v. a carta suavemente ressentida de Queiroz em 18 Agosto 1930). Enfim, quezílias pessoais e ideológicas, acesas por alturas do evento congregador dos Modernismos nas várias expressões artísticas, o 1.° Salão dos Independentes da SNBA, no qual os presencistas (e, mais do que nenhum outro, Carlos Queiroz) tanto se empenharam, daí resultando exposições, conferências e publicações [6].

Passados alguns números, a revista supera a convulsão mediante a substituição directiva por Casais Monteiro. José Régio vive, entretanto, a separação de Coimbra, sede da redacção até 1935; aí vai «arejar» logo que pode, privado do convívio dos tempos de Faculdade. Num árduo caminho de projecto colectivo, a longevidade da *Presença* construiu-se por entre tensões e crises, até que em 1940 soa a hora da extinção, quando, para Casais Monteiro, já não pode ser adiada a definição política da revista [7].

Ao longo dos anos 30, a *Presença* (revista e editora) foi conquistando terreno e reconhecimento e atraiu ao seu redor um fórum ecléctico de colaboradores, inclusive de discípulos de Leonardo Coimbra, de alguns jovens neo-realistas (João J. Cochofel, Fernando Namora, Mário Dionísio e Ramos de Almeida), e de poetas brasileiros, como Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Manuel Bandeira e Cecília Meireles, em tempos de recepção entusiástica ao romance nordestino e de um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro.

Justiça seja feita: parte do mérito deve-se ao exilado professor de Portalegre, que, aí residente a partir de 1929, é um dos laços de coesão, incansável nos contactos com colaboradores, gráficas e livrarias. Um esforço organizativo a que o acervo epistolar de Régio não pode deixar de dar voz. Com paixão, a *Presença* absorve-lhe quase todas as energias e os magros proventos de funcionário público, no propósito constante de a salvaguardar da contingência política e social.

Da abstinência política e social, tão glosada pelos seus detractores, nunca Régio fez nota intransigente. O famoso umbilicalismo introspectivo potenciou a transgressão antimoralista de *Jogo da Cabra Cega*, motivo bastante para a Censura o retirar do mercado, logo em 1934. A intimidação com que escreve a Carlos Queiroz, em 1936, sob a iminência (nunca concretizada) de uma prisão, confirma a discrição com que sempre pautou a intervenção cívica, vivendo o apertado cerco salazarista ao funcionalismo público [8].

Um inveterado individualismo estético fê-lo sempre duvidar da aliança entre a solidariedade social e a arte da paixão humana. Interessava-lhe cultivar a expressão artística viva, para lá de todas as contrariedades da distância geográfica que o arredava do bulício e da boémia da capital, onde as coisas aconteciam. Adivinham-se, entre a sua letra cheia e o traço pujante e expressionista dos desenhos à margem, os contornos de um exilado no meio provincial a que David Mourão-Ferreira confere o estatuto de mito presencista, à excepção, assinale-se, de Carlos Queiroz [9]. Caso contrário seria incompreensível a finura irónica de «Província» (1928), inserto em *Desaparecido*:

Se eu tivesse nascido
No seio da província, era fatal
Que o meu sonho maior, o mais sentido
Seria triunfar na capital.

E depois de supô-lo conseguido,
Voltar à terra natal
E ser p'los conterrâneos recebido
Com palmas e foguetes,
Fanfarras, vivas e banquetes
Na Câmara Municipal.

Para Queiroz, a província só podia ser uma rota de passagem, um itinerário turístico como os que sugeria nas páginas da revista *Panorama* (1.ª Série, Lisboa, 1941-49), edição sobre arte e turismo do SPN. Sem o voluntarismo dramático de Régio, perpassam na sua lírica vultos mansos da cidade ribeirinha, veleiros melancólicos, cais adiados, varinas das vielas antigas, cuja figuração de tipo social começava a impor-se na poesia portuguesa.

Na timidez cerimoniosa e nos pruridos escusados com que se corrige e explicita o sentido de certas palavras, Régio brinda a carta de Agosto de 1929 com um retrato fotográfico seu, algo «romântico». E também com o «humorismo exasperado» dos desenhos [10] que emolduram a teatralização pessoal do pseudónimo, assolada por fantasmas espirituais e apelos carnais de anjo caído.

A escrita epistolar assume, no fim de contas, uma função compensadora na lenta adaptação de Régio à profissão e a Portalegre, mesquinha e estreita, que aos poucos se tornou no seu espaço de criação e de encontro com os intelectuais que o procuravam na casa à Boavista. As observações anotadas por David Mourão-Ferreira em algumas cartas de Régio a Carlos Queiroz, para o número especial de *A Cidade* (Outubro 1984, p. 53-4), indiciam essa pacificação dolorosa que o «Fado Alentejano» sublima em verso.

Como com outros amigos chegados, a carta estreita o convívio e faz partilhar leituras modernistas que a *Presença*, nos seus primeiros anos, se encarregou de divulgar: casos de Rimbaud ou Proust. Nada a estranhar, pois Régio exerceu sempre um ascendente tutelar junto dos companheiros, sobre as leituras e as criações destes, sem se eximir a sugestões e críticas directas e francas.

E depois vem, claro está, um fascínio comum de Régio e Queiroz, o cinema, que a *Presença* se orgulha de ter elevado à categoria de arte do futuro, a fazer jus ao subtítulo «*folha de arte e crítica*». Ambos encontraram na Sétima Arte motivo recorrente de artigos e críticas na imprensa da época. Toda a vida essa foi uma paixão de Régio: muito antes de ser o cineclubista de Portalegre, acalenta, em 1929, o sonho colectivo de uma empresa cinematográfica [11] e, pouco antes de morrer, vê-se envolvido na polémica sobre *Bonnie and Clyde* (1967), de Arthur Penn. A carreira cinematográfica de Charlot, acompanha-a entusiasticamente, podendo aí encontrar um dos ícones possíveis para a sua poética da máscara e do palhaço-*jongleur*.

A assiduidade da correspondência entre ambos decai para o final da década de 30, mas prolonga-se ainda até meados dos anos 40. Com Gaspar Simões as

relações de Queiroz esfriam logo no início de 30, conforme um dos *Retratos de Poetas Que Conheci* (1974): as razões cruzam inevitavelmente o âmbito pessoal com as divergências internas que a revista abrigava. De Régio não há qualquer confidência sobre o rumo da amizade. Deixa, no *Diário Popular*, uma discretíssima homenagem fúnebre a seu amigo, definida pela contensão impessoal de comentário crítico, ao contrário dos testemunhos expansivos de outros amigos do poeta, falecido na primeira e única viagem à mítica *cidade-luz* [12].

Os caminhos da vida literária separam-nos. Além de escrever em diversas revistas, *Momento, Aventura, Atlântico, Ocidente*, algumas a congregar escritores modernistas (por exemplo, o n.° 3 de *Sudoeste*, 1935), Carlos Queiroz dirige *Litoral* (1944-45), onde colaboram nomes proeminentes do segundo Modernismo (e não só): Casais Monteiro, Nemésio, Torga, Irene Lisboa ou Jorge de Sena, mas nunca Régio, Simões ou Serpa [13]. Em 1934, passara a funcionário da Emissora Nacional — cargo compatível com a sua adesão heterodoxa ao aparelho do SPN —, e do seu empenho resultariam, nos anos 40, os programas de divulgação poética *Tempo de Poesia* [14]. Dá a conhecer a poesia dos outros, enquanto a sua, amadurecida nas páginas da *Presença*, desmascara a febre civilizadora e evoca, em canções gratas, as ilhas longínquas da infância e o escafandro para descer ao desregramento dos sentidos, ao silêncio límpido das litanias.

Que os presencistas, de modo geral, tenham assinado um compromisso classicizante com a poesia, ao arrepio de certo vendaval de *Orpheu* e numa espécie de «bonapartismo poético», não é razão bastante para perpetuar o seu esquecimento sob a «insolação pessoana»[15], forçosamente restritiva. Até porque essa hegemonia incandescente de Pessoa se cimentou no seio da *Presença*. Com fôlego moderado, foi aí que o Modernismo se tornou respirável e se canonizou. Cada um dos presencistas seguiu depois caminhos a solo, mas na folha haviam já encontrado espaço para a criação e para o discurso reflexivo (inusitado entre nós) sobre a expressão artística coeva, portuguesa e estrangeira. Uma «*presença*» estruturante e modernizadora na cultura do nosso século que só hoje começa a beneficiar de uma compreensão plural e menos preconceituosa.

No desabafo fraterno e na troca de ideias que entretecem, as cartas de Régio e Queiroz fazem-nos crer que acedemos ao eco vivo dessa dialéctica histórica. A eles a palavra.

NOTAS

[1] Cf. António Ventura, «As Cartas, Novo Retrato do Poeta» que abre a *Correspondência* (Lisboa, Círculo de Leitores, 1994), colectânea de parte do epistolário regiano, também anotado por Luís Amaro.

[2] Lembro a publicação, em 1984, de cartas inéditas de Régio a Branquinho da Fonseca, comentadas por F. J. Vieira-Pimentel (*Colóquio/Letras*, n.° 79, Maio, p. 38-46) e o número especial de *A Cidade* (Portalegre, Outubro). Em 1977, Luís Amaro comentou cartas de Régio a Branquinho e Casais Monteiro (*Colóquio/Letras*, n.° 38, Julho, p. 55-68) e, em 1955, a João Pedro de Andrade, em *O Escritor*, n.° 5, Lisboa, Março. Maria Aliete Galhoz revelou uma extensa carta sobre *Benilde* (in *Nova Renascença*, n.° 22, Porto, Primavera de 1986, p. 110-20). De notar também o conjunto de cartas a Gaspar Simões publicadas por este em *José Régio e a História do Movimento da «presença»*, Porto, Brasília Editora, 1977, p. 207-313.

[3] Adolfo Casais Monteiro, *A Poesia da «Presença». Estudo e Antologia* (Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1959; 2.ª ed., Lisboa, Moraes, 1972) inclui na antologia onze poemas de Carlos Queiroz. Para uma visão mais completa da *Presença*, é indispensável a consulta dos três tomos da ed. fac-similada compacta, Lisboa, Contexto, 1993 (pref. David Mourão-Ferreira).

[4] Cito David Mourão-Ferreira, «Carlos Queiroz, Herdeiro do Simbolismo» (1964), in *Hospital das Letras. Ensaios*, 2.ª ed., Lisboa, IN-CM, [1981], p. 201-6. Os poucos estudos acerca da poesia queiroziana têm origem universitária, sendo responsáveis pela recolha de muitos inéditos e dispersos. Entre eles, saliento, pelo seu pioneirismo, o trabalho de Maria Evelina C. Duarte, *Carlos Queiroz: Subsídios para o Estudo da Sua Obra* (tese de licenciatura apres. à Fac. de Letras de Lisboa, 1960). F. J. Vieira-Pimentel atribui a Queiroz (e a Casais) o drama moderno do «mal d'intelligence», na herança pessoana, em *A Poesia da «Presença» (1927--1940). Tradição e Modernidade*, diss. de doutoramento (policopiada), Ponta Delgada, Univ. dos Açores, 1987, 1.° vol., p. 462-86.

[5] Só mais tarde o elogio de Fernando Pessoa veio a lume, na *Revista de Portugal* (n.° 2, Coimbra, Jan. 1938), e surge transcrito em *Desaparecido. Breve Tratado de não-Versificação*, Lisboa, Ática, 1989, p. 191-2 (cf. nota 27 às cartas de Carlos Queiroz).

[6] Além do *Catálogo* do Salão (cf. nota 20 às cartas de Queiroz), editou-se também o *Cancioneiro* do I Salão dos Independentes, Lisboa, 1930. Na sequência da tese de licenciatura de Régio (*As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*, 1925), os directores da *Presença* alimentaram o projecto, nunca realizado, de uma *Antologia da Nova Poesia Portuguesa (de Gomes Leal até hoje)*, anunciada no seu n.° 22 (Set.-Nov. 1929) e pormenorizadamente referida numa carta de Régio para Branquinho em 9-III-30 (cf. *Correspondência*, p. 44-6). Pensavam ser ainda viável a referida Antologia quando os organizadores do *Cancioneiro*, Augusto Ferreira-Gomes e António Pedro, bebem na fonte presencista — ironiza Régio numa carta a Gaspar Simões (3-IV-30, in *J. R. e a História do Movimento da «presença»*, p. 258). O *Cancioneiro* homenageia quatro precursores da poesia modernista, dos quais escolhe outros tantos poemas: Cesário, Pessanha, Ângelo de Lima e Mário de Sá--Carneiro. Segue-se a colectânea poética modernista, da primeira e segunda gerações, a que não faltam Carlos Queiroz («Barcarola», «Intermezzo», «Canção» e «Soneto») e Régio («Espírito», «O Jongleur de Estrelas e o Seu Destino» e «Frente a Frente»). De qualquer forma, e sem considerar as iniciativas editoriais ou as palestras, a folha presencista acolheu sempre o convívio dos modernistas de várias idades. Veja-se o número-antologia 10 (15 de Março 1928).

[7] Ao abeirar-se a nova década, o alheamento esteticista começa a debater-se com a pressão de uma conjuntura sangrenta e extremada em termos ideológicos. Embora não perfilhasse a arte militante, Casais Monteiro diverge da linha oficial da *Presença* e Régio dita a sua extinção. A versão dos acontecimentos é relatada por Casais numa carta ao cunhado Alfredo Pereira Gomes, em 1 de Maio 1940 (in *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.° 603, Lisboa, 25/31 de Jan. 1994, p. 9-10). Por coincidência, uns meses depois da *Presença*, morrem dois adversários seus, o quinzenário *Sol Nascente* (1937-40) e o semanário cultural *O Diabo* (1934-40), proibidos pela Censura. Ambos conotados com o novo humanismo em arte,

a eles sucederão novos porta-vozes da arte social, entre os quais a *Vértice*, fundada em 1942. Não esquecer, contudo, que 1940 dá lugar à 1.ª série dos eclécticos *Cadernos de Poesia* (1940--42), movidos pelo lema de uma poesia una, e onde também Régio e Queiroz colaboram.

[8] Outras cartas da mesma altura revelam-nos um homem mais ousado, aquando da expulsão, em 1937, de um seu colega em Portalegre, o Dr. Alberto de Miranda, com quem se mostra solidário. Ante o reforço oposicionista do Pós-Guerra, Régio adere (em 1945) ao MUD e chega à contestação frontal da ditadura em «O Recurso ao Medo» (1949), texto de apoio à candidatura do general Norton de Matos incluído em *Depoimento contra Depoimento*, ao lado de António Sérgio, José de Magalhães, João de Barros e Mário de Azevedo Gomes. Para uma informação mais pormenorizada acerca do percurso cívico de Régio é de todo o interesse o estudo de António Ventura, «As Ideias Políticas e a Intervenção Cívica de José Régio», *Revista de História das Ideias*, vol. 16, Coimbra, 1994, p. 235-82.

[9] Cf. David Mourão-Ferreira, «Caracterização da *presença* ou As Definições Involuntárias», in *Presença da «presença»*, Porto, Brasília Editora, 1977, p. 44. Casais Monteiro, por seu turno, discorda do chamado *«provincialismo»* presencista, ao contrapor a pulsão europeísta da folha coimbrã a uma pátria, ela sim, provinciana, Lisboa incluída. Ver, de Casais, *O Que Foi e o Que não Foi o Movimento da «Presença»* (pref., org. e notas de Fernando J. B. Martinho), Lisboa, IN-CM, 1995, p. 63-5.

[10] Se, em *Confissão Dum Homem Religioso*, o autor define o desenho como uma vocação esporádica, em *Jogo da Cabra Cega* é bastante curiosa a forma como o narrador-protagonista descreve os seus desenhos, próximos de alguma expressão plástica expressionista de Régio: «o infame e doloroso catálogo da minha desordem» ou «Uma espécie de humorismo exasperado e lôbrego tornava os meus bonecos poderosamente obscenos. Perfis duma delicadeza satírica, irreal, copulavam com máscaras de mastóides, e todas as partes do corpo mais excitantes do prazer me saíam do lápis brutalmente vivas, e como que vibrantes de misticismo turvo.» (4.ª ed., Porto, Brasília Editora, 1982, p. 148).

[11] Em carta dirigida a Alberto de Serpa, de 18 de Set. 1929 (in *Correspondência*, p. 39--41), Régio enumera o grupo coimbrão «Ultra», em que participavam ainda Branquinho da Fonseca, Gaspar Simões, Edmundo de Bettencourt, José de Oliveira Neves, Alves Machado e Fausto José. O pioneirismo cinéfilo de Régio e da sua revista são sublinhados no capítulo «Cinema e Cinéfilos» de José-Augusto França, *Os Anos Vinte em Portugal. Estudo de Factos Socioculturais*, Lisboa, Editorial Presença, 1992, p. 400-16, que também dedica um capítulo ao movimento presencista. Outra fonte bibliográfica a assinalar é a publicação do Cineclube e da C. M. de Vila do Conde: *Régio, Oliveira e o Cinema*, 1994 (org. António Pedro Pita).

[12] Dedicada à morte e à presença de Carlos Queiroz no panorama intelectual português de então, a secção «Artes e Letras» do *Diário Popular*, de 2-XI-1949, recolheu o testemunho de, entre outros, João Gaspar Simões, António Ferro, Daniel Filipe, José Régio, José Osório de Oliveira ou António Lopes Ribeiro e, mais extenso, o de Vitorino Nemésio, que volta ao lirismo de Queiroz na sua «Leitura Semanal» (*Diário Popular*, 9-XI-1949). Vinte anos depois, em 29-X-1969, e organizada, sem indicação embora, por Alberto de Serpa (que, a seguir a Jaime Brasil, que a criou e largos anos a dirigiu, tomou a seu cargo a página «Das Artes, das Letras»), *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, homenageou Carlos Queiroz, com uma «nota bibliográfica», artigos de Gaspar Simões e António Lopes Ribeiro, um soneto autógrafo e poesias inéditas, além de cartas, também inéditas, «a um camarada» (Alberto de Serpa, nitidamente) e iconografia do poeta.

[13] Numa época em que a poesia de Régio reunia ainda um geral consenso admirativo, a revista *Litoral* publica a seu respeito um estudo pouco entusiasta de Gustavo de Freitas, ilustrado com desenhos do poeta e retrato por Mário Novaes: «José Régio ou a Poesia Involuntária», n.º 4, Out.-Nov. 1944, p. 381-90.

[14] E. M. de Melo e Castro, por exemplo, evoca a lisura encantada da poesia de Queiroz e a influência dessa iniciativa radiofónica em «Carlos Queiroz: Releitura e Homenagem», in *Voos da Fénix Crítica*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995, p. 117-25.

[15] Estes qualificativos têm origem no artigo de Eduardo Lourenço, «*Presença* ou A Contra--Revolução do Modernismo Português?», hoje acessível em *Tempo e Poesia*, Lisboa, Relógio d'Água, [1987], p. 143-68 (1.ª ed., Porto, Ed. Inova, 1974), publicado de início, sem a interrogação, no suplemento literário d'*O Comércio do Porto* (cortadas pela Censura as referências a Casais Monteiro) e, já na íntegra, na *Revista do Livro*, n.° 23-24, Rio, Julho-Dez. 1961, p. 67-81. Se, aparentemente, deu argumentos à crítica antipresencista e à defesa ressentida de Gaspar Simões, no *Diário de Notícias* de 17-1-1963, o artigo acima mencionado fez o saldo da moderação e da singularidade da *Presença*, no que, em geral, foi compreendido por Casais, não sem o reparo pertinente deste último quanto ao tradicionalismo pós-simbolista do próprio *Orpheu* e à grande familiaridade da sua poética (de Casais) com o vendaval modernista, razão que Lourenço já considerara, aliás, na versão integral. Cf. texto de Casais transcrito em *Tempo e Poesia*, p. 249-56 e David Mourão-Ferreira, «Sobre a Poesia da *Presença*», in *A Phala (ed. especial). Um Século de Poesia (1888-1988)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, p. 51-5.

CARLOS QUEIROZ

CARTAS DE JOSÉ RÉGIO

Vila do Conde
Av. Campos Henriques [1]
Agosto de 1929

Meu querido Carlos:

Recebi a sua última carta, cheia de benevolência pelas minhas incorrecções na questão de responder aos amigos que têm a gentileza de me não esquecerem. (o professor de liceu pergunta dentro de mim: de me não esquecerem, *ou* de me não esquecer*?). Abuso, pois, da sua benevolência, e já nem lhe peço perdão da demora desta resposta. Mas de hoje em diante, o caso muda. Agora, estou livre: Durante perto de dois meses, já não sou* professor no liceu. *Se eu agora lhe não responder ao menos com relativa prontidão, zangue-se comigo! Eu preciso de vez em quando que me chamem à ordem, que me digam que estou a ser um menino mal educado e ingrato. Assusto-me então, aflijo-me, e grito: «Oh! diabo! eu não sou assim! Eu não queria parecer isso!» Bem. Deixemos esse capítulo.*[2]

Sabe que vou publicar um folheto de sonetos? [3] *Pois vou. Ora nesse folheto, que deve estar pronto em Setembro, queria incluir aquele soneto que lhe dei para o* Manifesto.[4] *Suponho que o meu livro sairá primeiro que a revista. Preciso, pois, que Você me dê licença de substituir o soneto que lhe dei por aquilo que Você quiser, soneto ou não soneto, prosa ou verso, mas que seja inédito. Estamos combinados?*

Aí lhe mando o meu retrato. É bastante romântico, não acha? E eu não sou sempre doce *como estou aí. O Bettencourt* [5] *é que me tirou alguns bem mais característicos, se não de mim pelo menos dos meus versos. Infelizmente, desses, tenho exemplares únicos.*

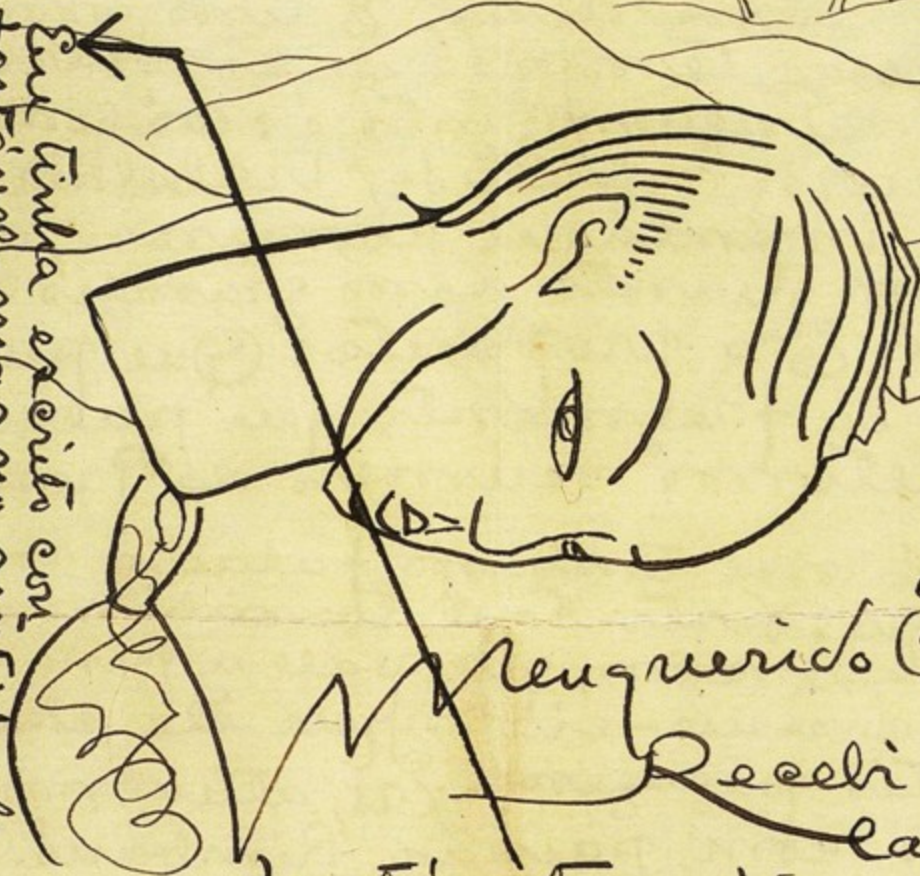
Ah! tenho ainda a pedir-lhe desculpa das gralhas do último número da Presença. *A esse respeito, foi um número desgraçado. A cor ardósia do papel também parece ter engolido a tinta das letras. Enfim!, o que salva o número é a colaboração ser boa.*[6] *Mas creia que passei um dia neurasténico por causa dele. O n.° 21 está a compor-se.*[7]

...E... aquela menina loura que o preocupava? Terá tido o mau gosto de se manter insensível? Não o creio, embora, talvez, fosse para desejar: Não têm muitas obras-primas da Poesia nascido de amores infelizes?

Escreva!

Um abraço do seu

José
Régio

Portalegre
Pensão 21 - Boavista

Meu querido Carlos:

Recebi a sua carta confortante; e fiquei pensando que se consegui a simpatia de várias pessoas nos lugares que me procuram confortar — não devo queixar-me inteiramente do destino. Nós, os que em toda a parte estamos mal, também temos alguns meios de em qualquer parte conseguir uns instantes, mesmo horas, de «estar bem». Vou apelando para

Eu tinha escrito confortável, mas no sentido de confortante — que conforta. Perdão: esta carta vai um autêntico borrão

tais meios com toda a mi-
nha boa vontade de me adaptar,
provisoriamente, é claro. Trabalho
bastante, mas geralmente em
coisas sem nexo. É um modo
de passar tempo e de conversar
com ninguém; isto é: só comigo.
Procuro, sobretudo, trabalhar no
meu insondável romance, mas
por enquanto sem grandes resul-
tados. E a propósito: Que pensou
Você do fragmento que publiquei
no último número da "Presen-
ça"?
Já me tinham falado no Re-
marque. Visto Você também a-
char que sim, que vale a pêna lê-lo,
esforçar-me-ei porque êle chegue
a estas paragens. Eu, atualmente,
estudo com paixão Rimbaud. Fui
há dias arejar a Coimbra (que ali
vão!) e trouxe de lá uns li-
vros que me permi-
tem estudá-lo. Vo-
cê, à medida que
fôr avançando na
leitura de Proust, verá cada vez
melhor que êle é um dos homens de
génio da nossa época: A princi-
pio, a sua obra parece construida
de futilidades; o seu estilo é pe-

Portalegre
Pensão 21 — Boavista[8]
[Out.?-Nov.? 1929]

Meu querido Carlos:

Recebi a sua carta confortante [escrito à margem: *Eu tinha escrito confortável, mas no sentido de confortante — que conforta. Perdoe: Esta carta vai um autêntico borrão*]; *e fiquei pensando que se consegui a simpatia de várias pessoas não vulgares que me procuram confortar — não devo queixar-me inteiramente do destino. Nós, os que em toda a parte estamos mal, também temos alguns meios de em qualquer parte conseguirmos instantes, mesmo horas, de «estar bem». Vou apelando para tais meios com toda a minha boa vontade de me adaptar, provisoriamente, é claro. Trabalho bastante, mas geralmente em coisas sem nexo. É um modo de passar tempo e de conversar com ninguém; isto é: só comigo. Procuro, sobretudo, trabalhar no meu infindável romance, mas por enquanto sem grandes resultados. E a propósito: Que pensou Você do fragmento que publiquei no último número da* Presença*?*[9]

Já me tinham falado no Remarque.[10] *Visto Você também achar que sim, que vale a pena lê-lo, esforçar-me-ei por que ele chegue a estas paragens. Eu, actualmente, estudo com paixão Rimbaud.*[11] *Fui há dias arejar a Coimbra (que alívio!) e trouxe de lá uns livros que me permitem estudá-lo. Você, à medida que for avançando na leitura de Proust, verá cada vez melhor que ele é um dos homens de génio da nossa época.*[12] *A princípio, a sua obra parece construída de futilidades; o seu estilo é penoso; e a cada página nos vem a tentação de gritar: «Isto não passa do ovo de Colombo!» Mas insensivelmente, a sua observação, ou antes: a sua adivinhação da vida; a sua captação minuciosíssima de todos os pequenos nadas importantíssimos; a crueldade, a piedade e a indiferença com que ele desmonta peça a peça o boneco humano; e a magia com que ele exprime as sensações e os estados de alma menos exprimíveis — dão à sua obra a profundeza, a originalidade e amplidão que Você lhe reconhecerá. Mas perdoe-me: A pechazinha de crítico faz com que eu lhe esteja quase a escrever em estilo de* ensaio. *Numa carta de amigos, é desagradável, não é?*

E o seu poema?[13] *Preciso de lhe ralhar, e de lhe perguntar que indolência é essa. A* Presença *está a ser composta a todo o pano... receio que Você tenha de ser substituído por outro, que será* outro. *Os tipógrafos procuram sempre um pretexto de queixa: E quando exigem original, ou lho dão imediatamente ou eles se fingem desesperados com tão bela ocasião de levantarem recriminações. Já lhe teria escrito sobre tal assunto: Mas, como lhe disse, fui a Coimbra, perdi-me lá uns dias, vim depois achar serviço acumulado...*

Vou acabar esta carta, que já vai maçadora e mal escrita. Escreva sempre que o possa e queira. Diga-me que bons filmes vão por aí, que novidades, que coisas a respeito de amigos e conhecidos, ou, — melhor — diga simplesmente de Você, o que quiser...

Um abraço do seu

José Régio

Portalegre
4 de Junho de 1931

Meu querido Carlos:

Muito obrigado pela sua carta cheia de amizade. Eu, mal cá cheguei a Portalegre, caí sob o peso de vários trabalhos; de modo que mal tenho tido tempo de respirar. Hoje, para poder arrumar um pouco a minha vida, resolvi não dar aulas e fechei-me no quarto a escrever. Perdoe-me se ainda hoje lhe escrevo tão à pressa; espero fazê-lo com mais vagar muito em breve. Mas devo escrever-lhe para Lisboa ou para Santarém? [14]

Devolvo-lhe o Girassol [15] *e as* Nouvelles Littéraires [16] *que trouxe. E obrigado, ainda, por o outro número do* Girassol*: Você diz lá no seu artigo algumas daquelas verdades que quanto mais ditas melhor. Quanto ao artigo do Diogo de Macedo, evidentemente é escrito por quem sabe daquilo de que fala.* [17] *Mas, por mim, não posso concordar com várias daquelas opiniões. Sobretudo, não posso concordar com a atitude que o artigo implica ante a arte moderna: Parece-me que o desenvolvimento lógico dessa atitude leva a uma espécie de intolerância próxima da dos académicos. Enganar-me-ei? É bem provável. Mas no artigo que publicarei no próximo número da* Presença *— direi, talvez, alguma coisa sobre o meu terror de que o «Salão dos Independentes» vá pouco a pouco degenerando num Salão académico mal vestido à moda modernista...* [18]

Tenho, porém, grande receio de ferir pessoas que não quereria ferir: Em primeiro lugar, o próprio Diogo de Macedo. Enfim, veremos. Terei grande prazer em mandar a Biografia *a sua Tia. Peço-lhe que me mande sem grande demora o seu nome completo, para o escrever no livro. O primeiro não me esqueceu, que é um lindo nome.* [19]

Se vir o Olavo, diga-lhe que estou à espera da novela. [20] *Autoriza-nos a publicarmos, se o espaço o permitir, a poesia que me mandava com a carta? Gostei dela!* [21]

Sem mais, por hoje, um abraço do

José

Pensão 21 à Boavista *6.ª feira* [Novembro 1936]
Portalegre

Meu querido Carlos

Acabo de ler a sua carta. Vou escrever imediatamente ao Machado,[22] *reforçando o seu pedido. Oxalá a carta chegue a tempo; as cartas cheguem a tempo.*

Quanto ao número da presença *de homenagem: Não tenho cá nenhum;*[23] *por esquecimento, não trouxe nenhum; e eis a razão por que nunca cheguei a mandar-lhe os números prometidos. Estava à espera das férias para o fazer. Vou escrever imediatamente para o Tavares Martins, do Porto,*[24] *a pedir-lhe que lhe envie números. Chegarão aí a tempo? Se não chegarem, lembrei-me do seguinte: Você reúne aí em Lisboa todos os números que puder (dos amigos) e expõe-os. A seus donos serão distribuídos outros exemplares, no caso de ser preciso: Podem eles estar sossegados.*[25]

Quanto às suas contas com o folheto:[26] *Será melhor Você entender-se directamente com o Senhor Ferreira Malva, Livraria Atlântida, Rua Ferreira Borges, Coimbra,*[27] *a quem escreverá nesse sentido. Não que eu tenha qualquer relutância em ocupar-me disso. Gostaria, até, de me ocupar, visto todas as cousas terem, até hoje, sido combinadas entre mim e a casa. Mas dá-se este pormenor: O Adolfo*[28]*, a mulher*[29]*, e o Serpa*[30] *estão presos. Vários amigos destes terão de se entender com a polícia, e poderão, até, ir-lhes fazer companhia. A sua inocência não é o suficiente para os defender. Eu posso muito bem ser um dos tais, e dum momento para o outro deixar de poder comunicar com os amigos. Peço-lhe, porém, que guarde para si estas cousas. À minha situação de professor convém o máximo silêncio e a mínima repercussão, mesmo quando o caso se desse.*[31]

No entanto, escreva. Responderei enquanto puder.

Um abraço do seu

José

P. S. — Peço ao Tavares Martins para enviar os números directamente à Lello.[32]

NOTAS

[1] A Vila do Conde, onde nasceu a 17 Set. 1901 e morreu a 22 Dez. 1969, e à «velha casa» familiar da Av. Campos Henriques (hoje com o seu nome), ia passar as férias, mesmo quando professor, primeiro no Porto (Liceu Alexandre Herculano) e depois em Portalegre (Liceu Mouzinho da Silveira). À terra natal regressa, em definitivo, em 1966. Ora, esta carta, escrita em Agosto de 1929, situa-nos nas férias que antecedem a mudança para Portalegre, onde fora colocado em Julho e se efectiva um ano depois, até à reforma em 1962.

[2] Configura-se quase como um tópico de abertura este lamento pela carga das obrigações profissionais que lhe limitavam a corrente epistolar dirigida a companheiros, familiares e conhecidos. Exprime a asfixia pela rotina profissional, numa cidade de província, mas que aos poucos se atenua, de acordo com uma longa carta a Casais Monteiro, de 26 de Junho 1936 (cf. *Correspondência*, p. 86-92), escrita sob ameaça de transferência punitiva, por motivos políticos. A reconciliação mais calorosa com o Alentejo, longe do bulício da capital, explica-se com o «calmante» dos passeios nos arredores de Portalegre e o «vício» docente, enternecido pela «frescura de pensamentos e sentimentos que têm os miúdos, (até estes pobres miúdos de Portalegre, tão desajudados do meio!) e com a *gaucherie* fecunda dos mais velhos» (in *Correspondência*, p. 89).

[3] Trata-se do livro de sonetos *Biografia* (Coimbra, Edições Presença, 1929), com capa e três ilustrações de Júlio, gravadas em linol, e retrato do autor em parte da tiragem; veio a ser sucessivamente refundido e aumentado em 1939, 1952 e 1955. A par de uma significativa dissertação de licenciatura sobre a poesia moderna portuguesa (1925) e de trabalhos ligados ao exercício pedagógico, *Biografia* reafirma o seu autor no campo da poesia, depois de *Poemas de Deus e do Diabo* (1925).

[4] *Manifesto* foi um projecto de revista em que Carlos Queiroz se empenhou ao longo de 1929, para o qual solicitou a poesia de Régio e ao que este acedeu. Numa carta (inédita) de 16 de Nov. 1929, acaba por confessar a inviabilidade do projecto e remete para a *Presença* uns poemas seus que queria ver publicados em *Manifesto*. Trata-se porventura da mesma revista que Diogo de Macedo e António Pedro tencionavam dirigir, associada à fundação de uma «Sociedade Portuguesa de Arte Contemporânea», fantasias que acabam por dar origem ao 1.° Salão dos Independentes, em Maio de 1930. Cf. José-Augusto França, *Os Anos Vinte em Portugal*, p. 370-1. Não confundir com a revista coimbrã *Manifesto* (1936-38), dirigida por Torga e Albano Nogueira (v. nota 14 às cartas de Carlos Queiroz).

[5] Vulgarmente conhecido como cantor de baladas populares e coimbrãs, Edmundo de Bettencourt (1899-1973) foi, no testemunho de Gaspar Simões (cf. *Retratos de Poetas Que Conheci*, Porto, Brasília, 1974, p. 257), o padrinho da folha, em que colabora até ao n.° 26 (Abril-Maio 1930), quando se afasta da revista ao lado de Adolfo Rocha e Branquinho da Fonseca. Nesse ano, publica *O Momento e a Legenda*, com a chancela das Edições Presença. São de sua autoria *Poemas Surdos* (1934-40), coligidos, tal como outros inéditos e dispersos, num volume de obra completa (*Poemas*, 1963), com um relance crítico de Herberto Helder. No primeiro e único número da 2.ª série da *Presença* (Fev. 1940), subscreve com Branquinho da Fonseca uma espécie de carta de reconciliação. Àquele seu companheiro, Régio dedica uma autocaricatura (1929), reproduzida n'*A Cidade*, Portalegre, Out. 1984, p. 147.

[6] Embora não cumpra o plano inicial de um número sobre cinema, para o qual Régio havia convidado Carlos Queiroz, o n.° 20 (Abril-Maio 1929) conta com a colaboração de Queiroz num significativo artigo sobre Camilo Pessanha. Outros colaboradores: Álvaro de Campos, Casais Monteiro, Mário Saa, António Botto — que merece também uma tábua bibliográfica —, Edmundo de Bettencourt, Branquinho da Fonseca, Fausto José, Olavo d'Eça Leal, António de Navarro e Diogo de Macedo.

[7] A *Presença* n.° 21 é de Junho-Agosto 1929.

[8] Pensão de D. Rosalina Vinte e Um, de que Régio era comensal assíduo. Era também proprietária da casa de Régio à Boavista, sucessivamente invadida pela sua colecção de antiguidades. Cf. Nicolau Saião, «A Casa de Régio», *Ler*, n.° 31, Lisboa, Verão 1995, p. 114-7.

[9] Trata-se do «Fragmento do Romance Inédito *Jogo da Cabra Cega*», publicado na *Presença*, n.° 21, Junho-Agosto 1929, p. 4-6. Corresponde, com algumas alterações estilísticas, a um passo do cap. X, «O Arcanjo da Noite», o primeiro clímax da exasperação afectiva

e sexual do protagonista. Lançado em 1934 (Coimbra, Edições Presença), dois ou três meses depois o romance é proibido pela Censura, e só volta a circular livremente em Dez. de 1963, na reedição das «Obras Completas» (Portugália Editora).

[10] Erich Maria Remarque (pseud. do escritor alemão Erich Paul Kramer, 1898-1970) lança, em 1929, *A Oeste nada de Novo*, um *best-seller* internacional de cariz pacifista que certamente explica o exílio deste autor na Suíça e, depois, em Nova Iorque. O romance, sugerido por Carlos Queiroz, é adaptado ao cinema em 1930, por Lewis Milestone, com grande êxito na temporada lisboeta de 1930-31 (cf. José-Augusto França, *Os Anos Vinte em Portugal*, p. 403). Por essa altura, a Aillaud e Bertrand edita a tradução de Acúrcio Pereira.

[11] Logo no artigo «Literatura Livresca e Literatura Viva» (*Presença*, n.° 9, 9 Fev. 1928), Arthur Rimbaud (1854-91) é invocado como um dos pilares da arte moderna e da urgente actualização da cultura nacional que move Régio e os seus companheiros. Rimbaud encarna a arte da paixão humana e o génio adolescente, facilmente associável à voga literária do adolescentismo. Na óptica de David Mourão-Ferreira (in *Presença da «presença»*, p. 23-55), o adolescentismo constitui com o provincialismo o denominador comum do grupo presencista e, arrisco agora, dos anos 30-50, enquanto tema literário verdadeiramente hegemónico. Carlos Queiroz não fica atrás na admiração pelo poeta adolescente: cita-o na epígrafe de *Desaparecido* (1935) e a ele dedica a «Ode a Arthur Rimbaud», saída na revista *Aventura* (n.° 2, Lisboa), em Agosto 1942 (in *Epístola aos Vindouros e Outros Poemas*, Lisboa, Ática, 1989, p. 32-7).

[12] Marcel Proust (1871-1922) evidencia-se entre as leituras modernistas de Régio, que bem cedo se dedica ao seu louvor e ilustração. O fascínio pela «recapitulação suspensa» da *Recherche* merece evidência no n.° 5 da *Presença* (4 Junho 1927), com o artigo «Marcel Proust», e retorna no n.° 53-54 (Nov. 1938, p. 30), em «Sim, Meus Senhores: Ainda Marcel Proust», onde Régio reclama o prestígio pessoal e da revista que dirige por ter feito a divulgação, precursora entre nós, do romancista francês.

[13] Régio deve estar a referir-se a «Reminiscente (Poema Anti-Saudosista)» que veio a ser publicado no n.° 23 da *Presença* (Dez. 1929).

[14] É em Santarém que Carlos Queiroz conclui o 7.° ano dos Liceus, desagradando-lhe o marasmo provinciano. Uma autêntica «viagem à Gronelândia», confessa Queiroz a seu amigo Pedro de Moura e Sá (cf. *Vida e Literatura*, Lisboa, Bertrand, 1960, p. 251). Em Coimbra frequentou o 5.° ano (1922-23), o que não garante que tenha privado com Régio, ali estudante desde 1920. Há referências ao tempo de Coimbra em certas cartas de Queiroz a Régio e, como testemunho fotográfico do seu convívio coimbrão, destaco o «Supl. Lit.» do *Jornal de Notícias* (Porto, 6 Jan. 1956) que publicou a fotografia de um *team* futebolístico: no meio dos jogadores, Fausto José, Alexandre Aragão, Branquinho da Fonseca e Carlos Queiroz.

[15] *Girassol. Semanário de Todos os Espectáculos* (Lisboa, 1930-31), revista dirigida por Erico Braga, profusamente ilustrada e dedicada às artes, sobretudo ao cinema e suas vedetas, tema privilegiado de muitas colaborações de Carlos Queiroz, entre 1930-31, que também assina com o pseudónimo Rui Casanova. De 1930 a 1934, participa na *Imagem*, dirigida por Chianca de Garcia e José Gomes Ferreira, que alude a essa experiência de Queiroz em *A Memória das Palavras ou O Gosto de Falar de Mim* (1965; 4.ª ed., I vol., Lisboa, Moraes, 1979, p. 144-6). Para a enumeração completa dos artigos cinéfilos de Carlos Queiroz, veja-se a tese citada de Maria Evelina C. Duarte, *Carlos Queiroz*, p. CLXIX-XXV.

[16] *Les Nouvelles littéraires artistiques et scientifiques*, jornal literário parisiense, fundado em 1922, de impacto considerável entre nós e em que, por volta de 1929, o escritor francês Jean Cassou escreveu sobre a *Presença* (cf. carta de Régio a Gaspar Simões, 27 Nov. 1929, in *J. R. e a História do Movimento da «presença»*, p. 256). No n.° 22 (Set.-Nov. 1929), a *Presença*

associa-se à *Seara Nova* na crítica a Marcel Brion e ao tratamento que este dava à literatura portuguesa nas *Nouvelles littéraires*, sempre ausente do seu correio de imprensa. À data, Carlos Queiroz era talvez leitor atento do jornal, facto comprovável numa sua conferência de Maio de 1939 sobre Alain Fournier e publicada na *Revista de Portugal* (n.º 9, 1940, p. 18-32): aí cita *les Nouvelles littéraires* de Março de 1930, um ano anterior a esta carta.

[17] Em causa estão os artigos de Carlos Queiroz «Alguns Pintores e Escultores do 2.º Salão dos Independentes na SNBA» e de Diogo de Macedo, com o pseudónimo C. de Mafamude, «Os Desenhadores», in *Girassol*, n.º 24, 26 de Maio 1931, p. 6-7. O escultor Diogo de Macedo (1889-1959), um dos mestres modernistas, escreveu com regularidade na *Presença*, entre 1927 e 1930, acerca de artistas modernos estrangeiros e alguns esquecidos portugueses. Virá a ser director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, de 1944 até morrer; foi assíduo colaborador da revista lisboeta *Ocidente*.

[18] O 2.º Salão dos Independentes realiza-se na SNBA em Maio de 1931, sem os presencistas, com menos obras e falta de público, se comparado com o certame de 1930. Merece um «Comentário» de Régio na *Presença*, n.ºs 31-32 (Março-Junho 1931). Em consonância com o antiacademismo de Queiroz, Régio teme a classicização da arte modernista, posição que reitera numa carta de 1931 a seu irmão Júlio (in *Correspondência*, p. 54-6).

[19] Régio compromete-se a enviar um exemplar autografado de *Biografia* à tia de Carlos Queiroz, a destinatária das cartas de amor de Fernando Pessoa. Ofélia Queiroz veio a colaborar com o sobrinho no número de homenagem da *Presença*, de Julho de 1936, para publicar, pela primeira vez, excertos daquelas cartas. Hoje, estão reunidas em *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*, organizadas por David Mourão-Ferreira e Maria da Graça Queiroz em 1978 (Lisboa, Ática).

[20] A não ser com «a novela» «A Caneta e a Dúvida» (*Presença*, n.º 31-2, Março-Junho 1931), Olavo d'Eça Leal (1908-76) só volta a colaborar em Dezembro de 1935, com «Um Fragmento de *O Livro da Capa Verde*». Amiúde, entre 1928 e 1931 e por intermédio de Carlos Queiroz, Régio solicita a colaboração de Olavo, que, em prosa e verso, figura na *Presença* até ao número final. Olavo emparceirava com Queiroz nas tertúlias da Brasileira e do Café Chiado, e, aliás como o seu companheiro, foi «benjamim da geração de 27, quase adolescente então» (Gaspar Simões, *Retrato de Poetas Que Conheci*, p. 208). Novelista, poeta, dramaturgo, artista plástico e autor radiofónico, Olavo notabilizou-se na literatura infantil, com um toque humorístico e, já depois, nacionalista: *História Extraordinária de Iratan e Iracema* (1939), recenseado por Gaspar Simões no número derradeiro da *Presença*, e *A História de Portugal para Meninos Preguiçosos* (1943), ambas com o Prémio de Literatura Infantil do SPN. No mesmo número da *Presença*, surge a carta-prefácio de Raul Brandão a *O Livro da Capa Verde*, que ficou por editar, embora um capítulo tenha sido publicado na *Seara Nova* (25-IV-29).

[21] Queiroz participa no n.º duplo 31-32 (Março-Junho 1931) com uma série poética: «Ex-libris», «Cruzeiro do Norte», «Sextilha Inútil», «Novela Curta» e «Elogio da Treva» (p. 26), retirada do livro inédito *Curva no Espaço*.

[22] José Abrantes Machado, chefe da tipografia da Atlântida Editora, em Coimbra, onde eram impressas a revista e as edições da *Presença*.

[23] O n.º 48 da *Presença* (Julho 1936) foi dedicado a Fernando Pessoa, cuja morte justificara uma nota necrológica no n.º 47 (Dezembro 1935, p. 15). Não assinada, essa nota é atribuída ao autor de *Histórias de Mulheres* e, tal como o texto anterior sobre a *Mensagem*, incorpora as *Páginas de Doutrina e Crítica da «presença»* (volume póstumo, Porto, 1977). Curiosidade interessante: Régio não tem colaboração assinada no número de homenagem, ao contrário de Carlos Queiroz, Almada Negreiros, Raul Leal, Lopes Graça, Luís de Montalvor, Gil Vaz, Pierre Hourcade, Guilherme de Castilho e Gaspar Simões. De Pessoa inserem-se um inédito de Álvaro de Campos e fragmentos de cartas de amor.

[24] O editor Tavares Martins, do Porto, vendia a *Presença* nesta cidade, não obstante a tarefa de distribuição caber, muitas vezes, a colaboradores e amigos da revista. Em 1934, Casais chega a propor aos outros directores que Tavares Martins a distribua e edite. A Régio desagrada-lhe a proposta, se bem que não esconda o desânimo e o cansaço por tão absorvente empreendimento: «Tenho, às vezes, a impressão de que se quer matar a *presença salvando as aparências*, alijando para estranhos o trabalho que nós faríamos com prazer... se tivéssemos prazer nisso.» (Carta a Gaspar Simões, 28 de Out. 1934, in *J. R. e a História do Movimento da «presença»*, p. 287.)

[25] A 30 de Nov. passava um ano sobre a morte de Pessoa e, em Lisboa, prepara-se uma pequena exposição-homenagem na Livraria Lello. Do evento deixou nota o *Diário de Lisboa* (30 de Nov. 1936, p. 1): «Passa hoje o primeiro aniversário da morte do poeta Fernando Pessoa, figura singular e admirável que os seus contemporâneos não puderam ainda compreender completamente. A pedido dos seus amigos, a Livraria Aillaud e Lellos dedica uma montra à memória do poeta, expondo nela o seu livro de poemas *Mensagem*, as principais revistas em que colaborou, e um folheto de homenagem, de Carlos Queiroz, editado pela revista *Presença*, cujo produto da venda se destina a contribuir para a publicação da obra inédita de Fernando Pessoa.» De onde a necessidade dos exemplares do n.° 48 da *Presença*, solicitados a Régio. Intensificam-se, por esta altura, as diligências para publicar a obra completa de Pessoa, a que a Ática dará início em 1942, por intervenção directa de Gaspar Simões e Luís de Montalvor.

[26] O folheto de Carlos Queiroz dá pelo nome de *Homenagem a Fernando Pessoa* (Coimbra, Edições Presença), com uma tiragem de 500 exs. e impresso em Agosto de 1936, revertendo o lucro a favor da publicação da obra de Pessoa. É dedicado «à Ofélia, ao Pierre Hourcade e aos meus amigos da *Presença*». Compõe-na uma palestra lida ao microfone da Emissora Nacional no dia 9 de Dez. 1935 (nove dias após a morte do poeta), a «Carta à Memória de Fernando Pessoa» e excertos de cartas de amor do poeta a Ofélia Queiroz, que figuravam (a carta e os excertos) no número de homenagem da *Presença*.

[27] José Rodrigues Ferreira Malva, proprietário da tipografia da Atlântida Editora.

[28] Figura cimeira da *Presença*, Adolfo Casais Monteiro (1908-72) colaborou em várias revistas e jornais, como *A Águia* (Porto, última série) ou o *Mundo Literário* (Lisboa, 1946-48), de que foi animador importante. Iniciou-se na *Presença* em Dez. 1928 (n.° 17, p. 1 e 11) com o artigo «Sobre Eça de Queirós», e tornou-se um dos seus directores desde o n.° 33 (Julho-Outubro 1931) até à extinção da revista. Às Edições Presença devia, nesta altura, a publicação da sua poesia (*Confusão*, 1929, e *Poemas do Tempo Incerto*, 1934), do comentário a cartas inéditas de António Nobre (1934) e do ensaio *A Poesia de Ribeiro Couto* (1935). No domínio do ensaio, Casais virá a privilegiar a obra pessoana e a problemática do romance. Como democrata e resistente antifascista que foi, sofreu a demissão do ensino e sucessivas prisões, acabando por se exilar em 1954 no Brasil, donde não mais voltaria.

[29] Alice Gomes (1910-83), mulher de Casais Monteiro, irmã de Soeiro Pereira Gomes e mãe de João Paulo [Gomes] Monteiro. Dois poemas somam a sua colaboração na *Presença* com o nome Alice («Desejo», n.° 38, Abril 1933, e «Ser como as Outras», n.os 41-42, Maio 1934). Ganhou notoriedade, muito mais tarde, no campo da literatura infantil, sobretudo nos anos 60 e 70.

[30] Alberto de Serpa (1906-92), ensaísta e poeta cuja obra reuniu em *Poesia* (1944) e *A Poesia de Aberto de Serpa* (1981), incluindo aqui o inédito «Os Versos Secretos», escrito no decurso da prisão no Porto. Membro do grupo da *Presença*, foi seu colaborador desde o n.° 43 (Dez. 1934) e secretário na última série. Este «lírico espontâneo», como lhe chamou Régio numa carta a Casais Monteiro, então preso (in *Correspondência*, p. 93), foi o corres-

pondente mais assíduo do autor de *A Velha Casa* e coube-lhe a organização dos volumes póstumos de poesia *Música Ligeira* (1970) e *Colheita da Tarde* (1971).

[31] O perigo de uma prisão justifica o tom amedrontado desta carta: a PIDE apreendera em casa de Casais Monteiro uma lista de contribuintes do Socorro Vermelho, para apoio aos presos políticos, e nela constavam, além de Régio, José Marinho e Sant'Anna Dionísio, que não escaparam à prisão. Só Alice Gomes trabalhava para a organização, mas também o marido ficou preso alguns meses, nessa altura. Ver excerto da carta de Casais Monteiro aos pais, em 1937, in *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.° 603, 25/31 Jan. 1994, p. 10; e a carta de Régio a Casais, de 30 Nov.-3 Dez. 1936, in *Correspondência*, p. 92-5.

[32] A Livraria Lello promove esta homenagem na sua filial da Rua do Carmo, em Lisboa, onde se encontrava sediada desde 1931. Na mesma rua, a Livraria Portugália fazia a venda da *Presença*, conforme o anúncio incluído na própria revista, em 1933.

JOSÉ RÉGIO

CARTAS DE CARLOS QUEIROZ

Santarém, 21-9-928

Meu Querido Amigo

Qual vergonha de me dizer que trabalha num romance?![1] *Venha o seu romance! Viva o Seu romance! Será o primeiro da nossa geração (sabemos lá ainda se boa se medíocre!), o estandarte da nossa Fé, o grito estrídulo da nossa vitalidade, a atitude afirmativa da nossa presença, já por Si tão bem afirmada na outra Presença de P grande!*[2] *Será...*

— Será um romance do José Régio!

Qu'importa a Bíblia e a sua eterna Grandeza, o Nietzsche e a sua Beleza, o Pascal e a sua Clareza, quando se trata de mostrar aos nossos maiores que não é apagada, improfícua e nula a nossa presença no universo?!

Você sabe porque é que eu disse: «sabemos lá ainda se boa se medíocre»? É porque às vezes a minha Fé na sua luminosa e civilizadora proficuidade, vacila, ao peso duma mais atenta investigação crítica às suas tão dispersas, desorientadas e mal definidas qualidades. E ela — a pobre — só sabe reagir dizendo: «sabemos lá ainda?!» Isto, quando se trata de observá-la em «plano de conjunto»; pois «grandes planos» (fotogenicamente falando, ou não...) temos nós! E não me ficava mal ter escrito Nós com N grande, agora que se tratava de estar a pensar em Alguns de Nós.

...Homem! Então o Ferro diz que Vila do Conde é... (Você leu?)[3] *«O José Poeta sabia isto e não me dizia nada!...» — pensei. O Jazz, o mar... as meninas... as ceias...*

— os cardeais! — que o partam...

Aquilo é a mais escandalosa cócega (para não dizer um palavrão) que eu tenho visto fazer a uma sociedade. *Conseguiu fazer-me esquecer que ainda era amigo dele. E quando me lembrei, justifiquei-me, pensando: «Pois sim, mas assim não vale!... Assim tenho vergonha!...»... «Assim... viva o Dantas!»*[4]

São destas fatalidades que fazem com que «os outros» carreguem sobre os ombros débeis da nossa geração o fardo bruto da dúvida.

Ah! mas um dia... Sim: porque nós ainda estamos a... amadurecer*! e há muitos que ainda estão verdes. É preciso regá-los; é preciso não os deixar ter medo da poeira que os Ferros levantam e preferir a silenciosa quietação das estufas, dando-lhes o exemplo do nosso amadurecimento ao ar livre, com os olhos bem abertos para a gulosa bocarra hiante do Futuro.*

Por isso é que há pouco lhe gritava: «Venha o seu romance! Viva o seu Romance!»

Mais um pouco de Sol e de chuva e de Tempo por cima da minha «casca»... e eis-me também — quiçá — no papo da Publicidade...[5]

* * *

Você não deve nunca desculpar-se quanto ao atraso das suas respostas nem louvar-me pela brevidade das minhas, porque isso é acorrentar-me ao envaidecido capricho de manter a fama... — o que me obriga a escrever-lhe cartas como esta, —, valha-o Deus! — tão chatas quanto provincianas. Você imagina lá o tamanho da minha incompetência para a vida da província! Dêem-me tudo: uma ilha deserta num mar desconhecido; uma floresta hermeticamente virgem... mas tirem-me a província daqui para fora, que eu não percebo nada disto! Homem, Você está junto do mar! e ousa lamentar-se?!![6] *O mar... o mar... — qual Bíblia, qual carapuça! Ele sim, é que é a grande Bíblia. A que fala mais claro, mais certo, mais forte e mais Belo! Vá para junto dele, deite-se de barriga para o ar, respire-o todo... e venha esse romance e esse livro de poemas*[7] *cá para o resto do mundo. Muito seu*

Carlos.

P. S. - É muito possível que daqui a quatro dias me ponha a caminho de Lisboa, onde talvez as Musas me esperem...

Seu, muito dedicado

Carlos.

26-Abril-1929

Meu Querido José:

Aí vai, finalmente, o meu artigo![8] *Como vê, mais uma vez se repetiu a eterna fábula da montanha e do rato... Tenha paciência, que eu também tenho para mim, mesmo sem gostar nada de mim. No entanto, se de todo não gostar, mande sinceramente dizer, que eu aceitarei reconhecido o seu impedimento a que eu «bote asneira».*

Quanto à pontuação e ortografia, se não estiver muito exacta, peço-lhe que corrija: — acostumado como deve estar a fazê-lo aos meninos... e porque eu também sou... nós também somos...[9]

Um grande abraço

do seu muito amigo

Carlos

O A. Durão[10] *pede-me para lhe dizer que foi à estação para se despedir de Si, mas que o comboio já tinha partido. Além disso, toda a gente diz que Você faz muita falta.*

Ontem, por exemplo, fui sentar-me sozinho no Café Chiado[11] *com o subconsciente alagado da convicção que tinha que esperar alguém. Só muito tempo depois é que o consciente interveio, explicando-lhe que esse alguém era Você e que... não podia ser.*

Estamos todos enamorados de Si... — tenha paciência...

Ainda não estive com o Fernando,[12] *mas logo que esteja lhe contarei o que se passou debaixo do astro de não podermos encontrá-lo.*

Amigo certo
e grato
Carlos.

A nossa revista, ponto e vírgula.
Talvez breve.

O artigo é muito mais pequeno do que eu pensava que deveria ser, mas o tempo é implacável e Você um bom rapaz!...

Lisboa, 18-8-1930

Meu querido José:

Antes de lhe pedir desculpa do meu longo, injustificável silêncio, e de lhe escrever neste papel, quero ralhar consigo! Que ideia lamentável foi essa de eu ter aderido aos «dissidentes»?![13] *Supõe-me o José susceptível de aderir a um movimento de natureza tão irreflectidamente despeitada e ridícula?!... Se o meu querido Amigo imaginasse o espanto e a tristeza e o tédio que me causou a notícia, tão edificantemente confirmada com o aparecimento do* Sinal!...[14] *«Que tristíssimo sinal!»... (Foi esta a minha única, expressiva e enjoada exclamação...) Lembrou-me uma frase do Pierre Dominique, creio eu, a propósito dum inquérito que há tempos o* Candide *realizou aos escritores de menos de 30 anos:*[15] *«Que geração e que melancolia!». É verdade, meu amigo, e tudo isto mesmo sem ter lido a carta aberta que os tristes dissidentes publicaram e que ainda desconheço.*[16] *Felizmente que a nossa geração (se é que esta palavra representa mais alguma coisa do que uma referência ao tempo, vaga, inconsistente e abstracta) não está sumamente representada nos «valores» que se decidiram à dissidência... Em todo o caso, repito, é um tristíssimo sinal.*

Quanto aos «justos receios» que Você diz ter que o seu artigo sobre os Independentes[17] *lhe tenha «conquistado mais alguns antipatizantes», peço-lhe*

licença para considerá-los, não só injustos, como injustificáveis. (Tão injustificáveis, pelo menos, como o meu longo silêncio e a atitude do Branquinho...)[18] Eu achei tudo certo! E, falando por mim, julgo de certo modo sintetizar a opinião quase unânime dos nossos camaradas daqui. Todos rejubilámos com o seu (esse sim, justíssimo!) ataque (porque não defesa?) aos magnates da nossa deplorabilíssima crítica nacional.

Foi linda, sobretudo, e «natural» e limpa, a bordoada caída sobre a ignara balofice pontificante do Portela![19] Você caiu a pés juntos sobre a mais significativa expressão da impune e descarada trapalhice jornalística. (Você, não: porque sujaria de viscosa torpeza as solas dos seus sapatos; mas aquele bocadinho de boa e forte prosa, tão sólida e oportuna como um porrete caído em cabeça daninha...) O grotesco da crítica que por aí se faz (sem falar na perfídia e na trafulhice que costuma acompanhá-lo) é das coisas, digo, dos espectáculos que eu considero mais sórdidos, mais obscenos e revoltantes que a balbúrdia nacional dos nossos tempos me tem proporcionado.

Era bom que de tempos a tempos um José Régio surgisse para zurzi-la com a limpeza e oportunidade com que Você o fez. Bem haja a sua revolta, o seu talento e a sua sinceridade!

Recebi, de facto, a sua carta em Santarém, ao tempo em que as lides liceais me impediam por completo de escrever quaisquer frases que não fossem em latim, do qual possuía uma noção deficiente e longínqua... Mas o mais curioso, meu amigo, e um pouco mais difícil de confessar... foi a oportunidade espantosa com que os seus escudos vieram pôr cobro à minha angustiante e completa penúria! Não imagina, meu caro, o que se passava no imo (como diziam os clássicos) das minhas necessidades!... Ausência de tabaco, de fósforos, de lâminas para a barba e de notícias de casa! Nisto, o correio a bater à porta: Será desta vez? Ainda não era! (e, aqui entre nós, cheguei a detestar aquela carta que eu imaginava não trazer dentro as libertadoras e inesperadas notícias que trazia!) Note o meu caro José que eu servi-me do seu dinheiro (ouça bem! o seu dinheiro...) com a mesma naturalidade e ausência de mácula na consciência, como se tivesse sido um empréstimo previamente combinado. Eu sabia que o Diogo de Macedo não aceitaria cinco réis pelos catálogos[20] que Você pedia, porquanto já lhe tinha pedido vários, fazendo-lhe inutilmente a mesma proposta de transacção. Vim para Lisboa e — continuo defronte do confessionário... — esqueci-me por completo do seu pedido. Mas ontem falei com ele. E, ele, o Diogo, disse-me que amanhã me levaria à Brasileira[21] os 3 catálogos pedidos. Juntamente com eles lhe enviarei os seus oportuníssimos escudos, (a menos que qualquer dificuldade para os adquirir licitamente me impeça de o fazer...)

Qual é a minha penitência, Padre José Poeta Menino?! Menino e Professor; professor e crítico; crítico e desenhador... mas, sobretudo, Amigo?!

Seja qual for, pelo muito que lhe devo e o estimo, juro cumpri-la! (É claro que eu digo isto confiado na sua complacente e perdoante bondade...)

Um grande e saudoso abraço do seu, muito dedicado e grato — por ser inútil confessar-me admirador —

Carlos.

Não enviei colaboração para a Presença *por não ter nestes tempos próximos passados nada que julgue merecer publicação.* [22] *Vamos a ver se em breve alguma Musa (ou Muso...) se compadece da minha penúria mental, com a mesma oportunidade com que V. inconscientemente se compadeceu da outra...*

Muito obrigado pelas suas felicitações. Parece-me que um dia tambem serei bacharel...[23] *É fatal! O que é que nós havemos de ser... melhor?...*

11-1-1936

Meu querido José Régio:

Muito obrigado pela sua carta. Compreendo, perfeitamente, o seu escrúpulo, no caso nota-crítica ao Desaparecido. [24] *Encantou-me a possibilidade de sair no* Sudoeste [25] *e apressei-me a perguntar ao Zé Almada* [26] *se a queria para lá. Não teve a menor hesitação na resposta: «Pois com certeza!» Agora, é só o meu querido Amigo desembainhar o seu esclarecido — digo: clarividente espírito e... truca! Fico ansioso por essas estocadas, certeiras,* amigas *e benéficas — embora duras —,* [27] *tanto mais que já ando um pouco desconfiado com o bem que por aí* todos *(sublinhado, para incluir os piores...) dizem do meu livro e estou ameaçado pelos A. de A. e M. A. — porque não por extenso? Alves de Azevedo e Manuel Anselmo, com dois artigos de escachante elogio!* [28] *Que pena me faz, às vezes, que gostem dos meus poemas!...*

Aceito, com muito gosto, o convite para colaborar no n.° da Presença *dedicado à memória do Fernando Pessoa. Penso fazer uma discreta revelação da vida sentimental do Poeta,* através *de alguns períodos de cartas de amor e alguns versos de ingénuas poesias inéditas.* [29]

Lamento que a E. N. tivesse exigido *o texto da minha palestra para o Boletim,* [30] *— que* me saiu, *julgo eu, menos mal, e quente de emoção. Estava tão certa para a* Presença*!*

Também possuo dois retratos do Fernando, quando era miúdo, mas só em fotogravura, isto é: em papel brilhante, podiam resultar. Ficarão para outra oportunidade.

Um grande abraço
muito grato do
seu muito dedicado

Carlos.

[1] Carlos Queiroz saúda com esclarecida efusão o *Jogo da Cabra Cega* de que José Régio deixou um primeiro anúncio em carta a Gaspar Simões de 10 de Set. 1927 (in *J. R. e a História do Movimento da «presença»*, p. 211-2). O agradecimento de Régio ao incentivo do jovem amigo está publicado na *Correspondência*, p. 24-5. Um ano depois desta carta, a *Presença* publica um fragmento do romance (v. nota 9 às cartas de Régio).

[2] O jogo de Queiroz com a inicial «P» da revista pode não estar relacionado com a adopção da letra minúscula no cabeçalho do n.° 4 da *Presença*, de harmonia com a modernidade e esmero gráficos que sempre fizeram a sua imagem de marca. Por motivos de desafio à norma e contensão orçamental, a revista passou a ser impressa em papel pardo de embrulho, sem a regularidade quinzenal. A sobrevivência invulgar durante treze anos muito deve à carolice dos seus directores e colaboradores. As aflições do passivo, as tensões internas, a separação da Coimbra-matriz são razões suficientes para que se torne mais espaçada a regularidade da revista. De Nov. 1938 a Nov. 1939 cumpre-se um interregno na publicação, na mira de uma nova série de que saem apenas dois números: o de Nov. 1939 e de Fev. 1940.

[3] António Ferro (1895-1956). Muito jovem, foi o editor dos dois números do *Orpheu*. Não colaborou na *Presença*. Poeta, dramaturgo e conferencista (ex. *A Idade do Jazz-Band*, 1923), Ferro troca a literatura pela crítica mundana e social, identificada na novela *Leviana* (1921) ou no poema «Rua do Oiro», com que participa no *Cancioneiro* (1930). A alegada *má-língua* de Ferro sobre a sociedade de Vila do Conde compagina-se com o jornalismo de magazine, na altura abundante. Em 1928, a reportagem política e a crítica teatral ocupam-no no *Diário de Notícias*, e n'*O Notícias Ilustrado* encontra lugar para uma série de crónicas sobre os loucos Estados Unidos. Contudo, tornou-se-me impossível localizar o referido escrito de Ferro, mesmo auxiliada pela bibliografia de António Rodrigues em *António Ferro. Na Idade do Jazz-Band*, Lisboa, Horizonte, 1995. Seduzido pelos fascismos nascentes da Europa, entrevista D'Annunzio, Mussolini, Primo de Rivera ou Maurras, a culminar na entrevista a Salazar (1932) que lhe vale, no ano seguinte, a indigitação para a direcção do SPN (depois SNI), apenas abandonada em 1950. Aí implementa a linha avançada da «Política do Espírito» e a valorização de um Modernismo oficial, que justifica o desapego ressentido por parte dos directores da *Presença*, submetida à Censura desde o n.° 44 (Abril 1935). O mesmo desapego não acontece, obviamente, da parte de Carlos Queiroz, a quem Ferro dedica uma evocação póstuma na revista *Atlântico* (3.ª série) n.° 3, Lisboa, 5 de Março 1950. Sobre as relações de Ferro com a *Presença*, v., de J. G. Simões, *Retratos de Poetas Que Conheci*, ed. cit., p. 193-206 e 289-91, e, de Alberto de Serpa, a poesia «Mais vale...», in *Almanaque de Lembranças* ..., Lisboa, 1954, p. 70-1, dizendo «Não, António Ferro! [...]».

[4] Esquecido o valor de algumas das suas obras, como *A Severa* (1901), *A Ceia dos Cardeais* (1902), *Pátria Portuguesa* (1914), *Os Galos de Apolo* (1921), ou *A Catedral* (teatro, ed. póst., 1970), o nome de Júlio Dantas (1876-1962) é imediatamente associado à invectiva de Almada Negreiros, *Manifesto Anti-Dantas* (1915), que quase rasurou aquele fértil dramaturgo, prosador e poeta da memória literária do nosso tempo. Na esteira de Almada, Carlos Queiroz veria em Dantas a imagem acabada da arte conformista e institucional. Em Fev. 1933 dedica mesmo, à Academia, um «Epigrama», na primeira página do n.° 37 da revista coimbrã, com alusiva e não menos satírica ilustração de Bernardo Marques. Apesar de tudo, e talvez surpreendentemente, o facto é que Fernando Pessoa ofereceu a Júlio Dantas dois exemplares da *Mensagem*: um a título pessoal, outro destinado à biblioteca da Academia. (V. artigo de Arnaldo Saraiva em *Persona*, n.° 4, Porto, Jan. 1981, p. 19-23, com a carta em que Dantas agradece a Pessoa.) Em 1945, também Régio não recusa a Dantas um elogio, considerando-o

«mestre do nosso alto jornalismo» (cf. *Crítica e Ensaio / 2 - Textos Avulsos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 111). Júlio Dantas — um caso a exigir, finalmente, e na globalidade da sua obra, uma serena reavaliação crítica?

[5] O itinerário poético de Queiroz comprova, sem dúvida, esse amadurecimento, que terá como base sólida a publicação, em 1935, de *Desaparecido*.

[6] Régio estava então de férias em Vila do Conde.

[7] O livro referido é, por certo, *Biografia* (1929).

[8] O artigo intitula-se «Camilo Pessanha» (in *Presença*, n.° 20, Abril-Maio 1929, p. 1-2) e ao louvor do então esquecido poeta de *Clepsidra* (1920), falecido em 1926, junta uma pequena reflexão sobre as questões da influência e da capacidade de os novos ganharem uma voz autónoma, vital para a geração do segundo Modernismo face à revolução de *Orpheu*. O agradecimento por este artigo consta na *Correspondência* de Régio (p. 37-8).

[9] São, de facto, muitas as palavras a que Queiroz suprime os acentos e a que o seu precioso interlocutor não ficaria indiferente. Outra nota: Queiroz assume a *posição-júnior* ao lado de Régio. Se não utiliza o *tutoiement* de camaradas, de que Régio faz uso com os fundadores da *Presença* ou com Alberto de Serpa, isso não obsta a que abra espaço à intimidade e ao termo mais familiar para confessar a penúria de estudante ou a paixão devastadora por uma loura.

[10] Américo Durão (1894-1969), poeta e dramaturgo com êxito na época, pois chega a ver representadas, no Teatro Nacional, as peças *Perdoar*, *Maria Isabel* e *Ave de Rapina*. Associamos o seu nome a Florbela Espanca, a quem incentivou a publicar o *Livro de Soror Saudade* (1923) e com quem partilha uma mesma tonalidade estilística e o culto do soneto. A colaboração em revistas como a *Contemporânea* não indicia a afinidade poética com os modernistas, embora tal facto não lhe impedisse o contacto fraterno com eles. Não chegou a colaborar na *Presença*, que, pela pena de Gaspar Simões (n.° 29, Nov.-Dez. 1930), aprova medianamente *Lâmpada de Argila* (1930), cuja tendência sensorial e religiosa Durão retoma no seu último volume poético, *Sinal* (1963). Em *Visão Incompleta de Meio Século de Literatura Portuguesa* (Lisboa, 1950, p. 31-2), José Osório de Oliveira alude à repercussão que teve o *Vitral da Minha Dor*, de A. Durão: «não há dúvida que, aí por 1917, impressionou os jovens [...] exactamente como sucedeu, há poucos anos, com *As Encruzilhadas de Deus*, de Régio».

[11] Pedro de Moura e Sá (*Vida e Literatura*, p. 252-6) e Gaspar Simões (*Retratos de Poetas Que Conheci*, p. 208-11) partilham uma imagem fascinada de Carlos Queiroz, o jovem requintado de «irradiante afabilidade» dos salões, clubes e cafés lisboetas. Sem contar com o pessoano Martinho da Arcada, a Brasileira do Chiado, a do Rossio e o Café Chiado eram pontos certos da efervescência boémia e das tertúlias, nos anos 20: no apertado circuito cultural da Baixa, disputavam entre si a preferência das tertúlias, tornando famosos até os seus criados. Destes cafés se fizeram *habitués* Carlos Queiroz, Mário Eloy, Olavo, António Botto, entre outros. Quando Queiroz assume responsabilidades familiares e entra para a Emissora Nacional, afasta-se um pouco desses circuitos, num tempo que é já de decadência saudosa dos cafés modernistas.

[12] Fernando Pessoa (1888-1935) começa a publicar na *Presença* (no n.° 5, 4 Junho 1927), numa prestação regular até à sua morte. Depois, a revista revela-lhe inéditos, mesmo no último número, de 1940. Os pedidos de colaboração a Pessoa exigiam, para Régio, «diplomacia e medida», como recomenda a Gaspar Simões (cf. carta [de Jan. 1929] in *J. R. e a História do Movimento da «presença»*, p. 230). O próprio Régio os faz por carta. É por ocasião do 1.° Salão dos Independentes (Maio 1930) que Pessoa e Régio se conhecem pessoalmente, no Café Montanha, ao que parece com resultado decepcionante para este último. A textos de altíssimo significado como «Autopsicografia», «Tabacaria», um excerto do *Livro do*

Desassossego ou a carta de Pessoa sobre a génese dos heterónimos, a *Presença* somou uma «Tábua Bibliográfica» e um número de homenagem. No número de estreia da sua colaboração, em 1927, um texto de Campos, «Ambiente» (rematado na máxima lapidar «Fingir é conhecer-se»), deixa o aviso aos novos, perante a impossível transmissão de qualquer legado artístico: «Cada época entrega às seguintes apenas aquilo que não foi.» E se Régio era, no parecer pessoano, *primus inter pares* dos presencistas, nunca deixou de marcar sempre a sua diferença e de manifestar uma afinidade literária mais profunda com Sá-Carneiro. Ver Fernando J. B. Martinho, «Fernando Pessoa e José Régio», in *A Cidade*, número especial, Out. 1984, p. 77-82, e João Reis Pereira, «A Primeira Carta de F. P. para J. R.», in *Colóquio/Letras*, n.° 106, Nov.-Dez. 1988, p. 65-72.

[13] Os dissidentes são Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt e Adolfo Rocha. Nesta crise momentânea, não só Queiroz como Fernando Pessoa — que se prestou a colaborar, «*doravante*», em «*todos os números*» — foram solidários com a *Presença* (cf. *Cartas de F. P. a J. G. Simões*, Lisboa, 1957, p. 58-9).

[14] *Sinal* (Coimbra, Julho 1930). Revista de um número único, dirigida e editada por Adolfo Rocha e Branquinho da Fonseca, depois da dissidência com a *Presença*. Conta apenas com a colaboração dos directores. Mais tarde, entre 1936-38, Miguel Torga dirige com Albano Nogueira a revista *Manifesto* (Coimbra) em oposição à folha presencista, com uma participação significativa de teorizadores neo-realistas ou deles próximos. F. J. Vieira-Pimentel define-a mesmo pela «intenção proto-neo-realista de comprometer o homem com a época, com o espaço e com a história» (*A Poesia da «Presença»*, ed. cit., 1°. vol., p. 186). Essa apetência social poderá ter pesado na dissidência. Face ao *Manifesto*, Régio *acusa o toque*, defende com veemência a validade da sua revista contra a concorrência e redige «A *Presença* e os Seus Censores», *Presença*, n.° 47, Dez. 1935, p. 19-20.

[15] *Candide: grand hebdomadaire parisien et littéraire* (Paris, 1924-44?). De acordo com a francofilia cultural dos nossos anos 30, deve ter-se em conta o impacto da imprensa literária francesa. *Candide* é um exemplo a juntar às *Nouvelles littéraires* ou ao *Gringoire*, que merecem citação extensa e reiterada na imprensa da época, nomeadamente do jornalista Pierre Dominique: lembro, por ex., a *Acção* (1936-38), panfletariamente nacionalista e anticomunista, em que Carlos Queiroz escreve sobre cinema, com o pseudónimo Rui Casanova.

[16] «Carta a José Régio e João Gaspar Simões, Directores da *Presença*», datada de Coimbra, 16 de Junho 1930 e que chegou a circular em folha volante apensa à revista. Na sequência da palestra de Gaspar Simões sobre poesia moderna na SNBA («Tendências e Individualidades da Moderna Poesia Portuguesa»), à margem do *Cancioneiro*, F. Alves de Azevedo (in *Diário de Lisboa*, 11-VI-1930) transforma o elogio de Gaspar Simões a Régio na aclamação deste como chefe de escola. A conferência não diz a mesma coisa e é publicada na *Seara Nova* (n.os 210-12, de Junho-Julho 1930), só que a reacção dos dissidentes precipita-se antes, por culpa de Adolfo Rocha, no entender de Gaspar Simões. Régio nunca se pronuncia em público, e Gaspar Simões alimenta a polémica com Alves de Azevedo, até Agosto. Entretanto, o n.° 27 da *Presença* (Junho-Julho 1930) remete para um comentário, em fim de edição, a notícia da saída de Branquinho, abstendo-se de desenvolver a questão. Cf. Gaspar Simões, *J. R. e a História do Movimento da «presença»*, p. 179-89.

[17] «Divagação à roda do Primeiro Salão dos Independentes», in *Presença*, n.° 27, Junho-Julho 1930, p. 4-8.: Régio não se coíbe de perpetrar um ataque demolidor à crítica do Salão, pouco entusiasta do evento antiacademista. No *Diário de Notícias* (14-V-1930), Augusto Pinto assemelha até as obras expostas do pintor Júlio (irmão de Régio) às decorações do «Júlio das Farturas», do Parque Mayer. A adesão presencista ao Salão afirma-se logo no número anterior (Abril-Maio 1930) pela pena vociferante de António de Navarro («A propósito do I Salão

dos Independentes», p. 2-3) dirigida aos artistas, «profetas de depois-de-amanhã, os verdadeiros paladinos do anarquismo anti-revolucionário, mas *revulsivo*». No Salão e entre numerosos trabalhos de arquitectos, pintores, escultores e nomes das artes decorativas e do desenho, contam-se fotografias experimentais de Edmundo de Bettencourt e Branquinho da Fonseca, de quem a *Presença* já havia publicado trabalhos fotográficos em Jan. 1930 (n.° 24).

[18] Branquinho da Fonseca (1905-74). Acompanhou Régio e Gaspar Simões na fundação e direcção da *Presença* até ao n.° 26 (Abril-Maio 1930), quando assinou a mencionada «Carta Aberta». Importante foi o seu contributo para o grafismo modernista da folha. Nesse período colaborou assiduamente com poesia e teatro, por vezes sob o pseudónimo António Madeira, com que assina as primeiras obras. *A Posição de Guerra: Drama em Um Acto* (1928) estreia a chancela das Edições Presença. Embora tenha escrito romances (casos de *Porta de Minerva*, 1947, e *Mar Santo*, 1952), é, sem dúvida, na narrativa mais curta que encontra a melhor expressão — de *Caminhos Magnéticos* (1938) a *Bandeira Preta* (1956) —, no quadro do psicologismo presencista, não sem uma aura de mistério insólito e paixão humana, de que *O Barão* (1942), sua obra-prima, é exemplo admirável. Branquinho retoma a amizade com Régio, praticamente seu vizinho quando, em 1935, vive em Marvão, como conservador do Registo Civil. E manifesta lealdade ao antigo grupo, ao propor a publicação de um conto seu (cf. *Correspondência*, p. 133-7: talvez esse conto seja «As Mãos Frias», publicado no *Litoral*, n.° 5, Dez. 1944, p. 56-69) e ao endereçar com Edmundo de Bettencourt uma carta de apoio à nova série da *Presença* (II série, n.° 2, Fev. 1940, p. 137-8). Exerceu durante muitos anos a função de director do Serviço, que criou, de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian.

[19] O ataque cerrado à crítica do Salão, no referido artigo da *Presença*, dirige-se nomeadamente a Artur Portela (1901-59), jornalista do *Diário de Lisboa* entre 1921-50, jornal em que, a par de reportagens, também fazia crítica literária e artística, sem a requerida especialização, como era próprio da imprensa da época e até muito mais tarde. Portela, que deixou vários livros (era, principalmente, cronista lírico), destacou-se no sindicalismo de classe. Referindo os críticos do Salão dos Independentes, Régio chama-lhe, a par de Norberto de Araújo, «o mais pedante, o mais empolado e o mais vazio de todos os jornalistas portugueses» (*Presença*, n.° 27, Junho-Julho 1930). De início ligado à comissão de propaganda do Salão, Portela critica a falta de novidades, à excepção de Abel Manta, Dórdio Gomes e Jorge Barradas. Já no certame de 1931, organizado sem a intervenção da *Presença*, exprime uma opinião mais favorável, antagónica de Régio (cf. nota 18 às cartas deste). Curiosamente, seria o mesmo Artur Portela a secundar, com António Botto e José Osório de Oliveira, junto do director do *Diário de Lisboa*, o convite a João Gaspar Simões para que ele assumisse a crítica literária semanal no «Suplemento Literário», dois anos antes iniciado, do influente vespertino lisboeta, o qual, a partir de 11-VII-36, passou a dedicar toda uma página, que ficou histórica, a «Os Livros da Semana». (Cf. «Carta ao Sr. Dr. Joaquim Manso», por J. G. S., in *D. L.*, 18-XI-37.)

[20] *Catálogo do I Salão dos Independentes. Ilustrado com desenhos e comentários de artistas e dos escritores modernistas & Uma breve resenha do movimento modernista em Portugal*, Lisboa, SNBA, 1930. Fez o inventário do nosso Modernismo nos testemunhos recolhidos e na lista de obras, exposições, livros e conferências da arte moderna. Na capa, uma vinheta de Almada, saída na *Contemporânea* para ilustrar a «Histoire du Portugal par Coeur». Régio deslocou-se expressamente a Lisboa para visitar o Salão, e dele pretenderia fazer notícia, em Portalegre, com os catálogos. Era Diogo de Macedo (cf. nota 17 às cartas de Régio) quem abonava a publicação. Daí a referência de Carlos Queiroz, que, em apuros, recorre ao dinheiro de Régio para pagar os catálogos. O empenho organizativo dos presencistas e, sobretudo, de Queiroz permitiu que, no Salão, ao lado do *Catálogo* e do *Cancioneiro*, figurasse uma exposição de exemplares da *Presença*, facto que Queiroz relata a Régio por carta. Entre os dezoito

comentários do *Catálogo* constam o de Carlos Queiroz, logo o primeiro, de Régio, Fernando Pessoa-Álvaro de Campos, Gaspar Simões, António Ferro, etc., que fazem a autoconsagração da família modernista, em plena maturidade. Note-se que sobre pintura já Régio tinha escrito na *Presença* (n.° 17, Dez. 1928, p. 4-5 e 11) «Breve História da Pintura Moderna». Além do mais, a ilustração da folha distinguiu-se pelos seus artistas: Júlio, Eloy, Almada, Bernardo Marques, Sarah Affonso, Arlindo Vicente e, até, Vieira da Silva. Com o Salão, verifica-se uma abertura institucional aos modernistas, o que a intervenção de António Ferro, à frente do SPN, aprofundará.

[21] A Brasileira do Chiado foi mais do que um espaço de tertúlias, tornou-se no autêntico museu moderno de Lisboa, enquanto que o Museu de Arte Contemporânea e Columbano, seu director, vedavam a entrada à arte antiacademista. Ora, em 1925, as paredes do café renovaram-se com onze telas de jovens pintores, Viana, Soares, Barradas, Bernardo Marques, Pacheko, Malta. Não faltou Almada com o emblemático *Grupo na Brasileira*. Em certa medida, a linhagem das exposições colectivas de 1925-26, que contam também com o novo espaço do Clube Bristol, virá a germinar no Salão dos Independentes de 1930 e no reconhecimento da geração modernista. Evento simbólico é a aquisição pelo dito Museu de *O Jogo de Damas*, de Abel Manta. Ver José-Augusto França, *Os Anos Vinte em Portugal*, p. 147-68 e 359-77.

[22] Carlos Queiroz ausenta-se das páginas da *Presença* nos n.°s 27 (Junho-Julho 1930) e 28 (Agosto-Outubro 1930), até que volta com uma série de cinco poemas no n.° 29 (Nov.--Dez. 1930).

[23] O agradecimento de Queiroz e a esperança de vir a ser bacharel justificam-se pelo facto de, nesse ano de 1930, ter ingressado no ensino superior. Frequentou um ano o Curso Superior Colonial e outros dois a Faculdade de Direito de Lisboa, sem terminar nenhum dos cursos.

[24] Em 1931, algumas cartas de Queiroz (a Régio) e a sua colaboração no n.° 31-32 da *Presença* (Março-Junho 1931) anunciam um livro seu, pronto a sair, com o título provisório *Curva no Espaço*, ilustrado por Bernardo Marques. *Desaparecido* (Ed. de Autor, 1935) é, no entanto, o seu primeiro livro, chamado à ribalta pelo «Prémio Antero de Quental» do SPN de 1935: o mesmo prémio que tanta polémica suscitou, no ano anterior, à volta da *Mensagem*. A 2.ª ed. (1950) conta com um acrescento no título, *Desaparecido e Outros Poemas*, repetido na ed. de 1957. Queiroz publicou, ainda em vida, *Breve Tratado de não-Versificação* (1948), de índole metapoética. As duas obras encontram-se hoje reunidas no mesmo volume (Lisboa, Ática, 1984), com pref. de David Mourão-Ferreira.

[25] *Sudoeste* (Lisboa, Eds. Sudoeste, 1935). Cadernos de Almada Negreiros publicados em Junho, Outubro e Novembro, sendo o último aberto a gente do *Orpheu* e da *Presença*, num figurino de revista literária ilustrada, sem ser um projecto colectivo. Pretende continuar *Orpheu*, visa agitar, europeizar o conservadorismo da cultura portuguesa. Pessoa publica aí os seus últimos textos em vida, entre os quais «Nós os de *Orpheu*», análogo ao de Gaspar Simões «Nós a *Presença*», este em favor da «pessoa moral» da sua revista que considera diversa de *Orpheu*. A páginas tantas, *Sudoeste* faz um anúncio publicitário da *Presença*, então com a redacção no Porto, a cargo de Casais — a *Presença* retribui a publicidade com um anúncio a *Sudoeste* (no n.° 46, Out. 1935). Carlos Queiroz participa em *Sudoeste* com o pequeno poema «Província», de *Desaparecido*, enquanto Régio escolhe o «Sexto Poemeto de 'O Fértil Desespero'», cuja publicação anuncia para breve em *As Encruzilhadas de Deus*, de facto editado em 1935-36. Entre os presencistas, surgem ainda Casais, Saul Dias e o dissidente Branquinho da Fonseca. *Sudoeste*, hoje disponível em ed. fac-similada (Contexto, 1982, intr. Nuno Júdice), assemelha-se, na reunião modernista, ao volume colectivo do *Cancioneiro* do Salão dos Independentes (1930) e à revista *Momento* (Lisboa, 2.ª série, 1933-37). Ver cartas de Régio a Gaspar Simões de Out. e Nov. de 1935, onde reconhece o interesse em colaborar na *Sudoeste* (Gaspar Simões, *J. R e a História do Movimento da «presença»*, p. 295-9), ainda que não esconda uma vontade de afirmação, à revelia de Almada.

[26] José de Almada Negreiros (1893-1970) é então o sobrevivente dos gigantes órficos, «Poeta d'Orpheu, futurista e tudo». Graças a um talento indómito e ecléctico, beneficia do reconhecimento oficial do Modernismo que o Estado Novo proporcionou. Na década de 30, elabora mesmo cartazes de propaganda e, com os anos, vê diversas obras suas em edifícios públicos. Almada integra, de pleno direito, a comunhão modernista da *Presença*, que não o esquece para mais uma tábua bibliográfica (n.° 21, Jun.-Agosto 1929). Estreara-se na folha com Pessoa e Queiroz (a quem dedica o desenho da capa), em Junho de 1927, mas só depois do regresso de Madrid — donde enviara os desenhos (de preço exorbitante) para o Salão dos Independentes —, Almada volta a desenhar para a *Presença*, a que junta uma saudação calorosa aos presencistas (n.° 35, Março-Maio 1932) e o pequeno texto dramático «Deseja-se Mulher» (n.° 45, Junho 1935). A inequívoca admiração de Queiroz pela obra e pelo carisma de Almada tem em Régio um contraponto reticente, pouco afeito ao «gongorismo» infantil e futurista da sua poesia e de *Nome de Guerra*, que recenseia em Nov. 1938 (*Presença*, n.° 53-54, p. 26-7).

[27] Régio deveria ter mostrado algum embaraço em publicar na *Presença* uma nota-crítica sua sobre o *Desaparecido* e que Queiroz aponta agora para *Sudoeste*. Na «Carta à Memória de Fernando Pessoa» (*Presença*, n.° 48, Julho 1936), Queiroz cita, porém, um excerto da nota-crítica que Pessoa escreveu, pouco antes de morrer, e destinada ao n.° 4 de *Sudoeste*, jamais publicado, e que só a *Revista de Portugal* (n.° 2, Jan. 1938) dá à estampa.

[28] Da recolha bibliográfica que Maria Evelina C. Duarte faz acompanhar a sua tese de licenciatura, supracitada, não constam quaisquer comentários destes jornalistas especificamente sobre *Desaparecido*. Na *Presença*, é a Casais Monteiro que cabe o elogio caloroso ao novo livro (*Presença*, n.° 47, Dez. 1935, p. 21-2). A tese só refere de F. Alves de Azevedo «Fernando Pessoa e Carlos Queiroz», *Mensagem*, n.° 4, Julho 1939, e de Manuel Anselmo a *Antologia Moderna* (Lisboa, Sá da Costa, 1937), onde consta um artigo sobre José Régio, autor que merece a sua atenção, sobretudo, na década de 30 e ainda em 1941 (cf. bibliografia de Luís Amaro *in* Eugénio Lisboa, *J. R. a Obra e o Homem*, 2.ª ed. rev. e aum., Lisboa, Dom Quixote, 1986, p. 265). Quanto a F. Alves de Azevedo, de quem a *Contemporânea* publicou uma «Carta» logo no primeiro número (1922), e colaborador de jornais em 1928, evidencia-se na polémica com Gaspar Simões, travada entre Junho e Agosto de 1930 no *Diário de Lisboa*, e foi o detonador (v. nota 16) da dissidência na *Presença*. Ver, sobre livros de M. Anselmo e A. de Azevedo, a recensão de Casais a *Soluções Críticas* e a de Régio a *Figuras Contemporâneas*, in *Presença*, n.os 44 (Abril 1935, p. 15-6) e 39 (Julho 1933, p. 14-5), respectivamente.

[29] Queiroz participa no n.° 48 (Julho 1936) da *Presença* em homenagem a Pessoa, com «Fragmentos de Algumas Cartas de Amor de Fernando Pessoa» e «Carta à Memória de Fernando Pessoa». Famosa é a ilustração deste número, o desenho de Pessoa feito por Almada no dia do enterro do poeta e que o opúsculo de Carlos Queiroz, *Homenagem a Fernando Pessoa* (1935), também reproduz.

[30] Com efeito, a palestra, lida aos microfones da Emissora Nacional, no dia 9 Dez. 1935, saiu com o título «Algumas Palavras acerca de Fernando Pessoa» no *Boletim da Emissora Nacional* (n.° 5, Lisboa, Dez. 1935, p. 19-22). O *Boletim* constitui a revista mensal da recém-criada estação radiofónica, inaugurada nesse mesmo ano e de que Carlos Queiroz é já funcionário superior. Tem como director Henrique Galvão, e o primeiro número (Agosto 1935) conta, entre outros, com textos de Duarte Pacheco, António Lopes Ribeiro e Oliveira Salazar.

Em nota final, deixo aqui o meu agradecimento à ajuda incansável e generosa de Luís Amaro para o comentário deste conjunto de cartas inéditas trocadas entre José Régio e Carlos Queiroz e cuja ortografia actualizei, mantendo a pontuação dos autores.